

**O LIVRE ARBÍTRIO
E O MÉRITO EM
“A GRANDE SÍNTESE”
DE JESUS**



**anônimos
Luiz Guilherme Marques
(médium)**

ÍNDICE

Introdução

Primeira Parte: O livre arbítrio

Capítulo I – Em “*Aspectos estático, dinâmico e mecânico do Universo*”

Capítulo II – Em “*Paralelos em Química Orgânica*”

Capítulo III – Em “*Movimentos vorticosos e caracteres biológicos*”

Segunda Parte: O mérito

Capítulo I – Em “*Fisiologia supranormal — hereditariedade fisiológica e hereditariedade psíquica*”

Capítulo II – Em “*O Estado e sua evolução*”

Nota

INTRODUÇÃO

A questão do livre arbítrio é uma das mais importantes na vida do ser humano encarnado ou desencarnado.

- O que fazer de si próprio? Como empregar o tempo, que passa e não volta mais? Como proceder em relação aos outros? O que pensar em relação a uma série de temas decisivos na própria vida do dia a dia e naqueles outros tidos como “*abstratos*”? Acreditar que é um Espírito ou que é meramente um corpo destinado à sepultura?

São inúmeras perguntas que cada um tem de responder, caso queira ser consciente do próprio rumo, ou, em caso contrário, viver simplesmente se atordoando com atividades ou com a ociosidade, fugindo de si mesmo.

A decisão a esse respeito é individual, intransferível, sendo que “*a cada um será dado conforme suas obras*”, aí incluído tudo que cada um fez de si mesmo.

Este livro não se propõe impor a ninguém um “*ponto de vista*”, mesmo que saibamos ser o verdadeiro, mas sim trazer ao grande público conhecedor das verdades da reencarnação, da evolução, da pluralidade dos mundos habitados e outras questões desse nível, uma reflexão sobre dois temas de vital importância na vida de cada ser humano, que são: 1 – o livre arbítrio e 2 – o mérito.

Os prezados leitores, ao final da leitura, verificarão que sabem muito pouco sobre o livre arbítrio, pois os filósofos materialistas, aqueles que trataram ou tratam do assunto, dão-lhe um elastério praticamente infinito, o que não corresponde à verdade, enquanto que o mérito tem sido tratado como recompensa destinada àqueles ainda dominados por uma índole muitas vezes agressiva, astuta ou egoísta.

Ninguém, em sã consciência, depois de ler esta obra, continuará a ter dúvidas sobre esses dois temas, porque, pura e simplesmente, quem estará dando as respostas será o próprio Divino Mestre Jesus, Sublime Governador da Terra, através do seu livro pouco conhecido atualmente, apesar de já quase centenário, intitulado “*A Grande Síntese*”, ditado

através do médium Pietro Ubaldi, atualmente já desencarnado, livro esse que muita repercussão encontrou na época, tendo sido compulsado por Albert Einstein e outros luminares da intelectualidade, mas, com o tempo, acabou quase que caindo no esquecimento.

Propomo-nos a comentar, em breves palavras, aquilo que encontramos nesse precioso resumo de todo o Conhecimento Humano possível para o ser humano encarnado da primeira metade do século XX e que o próprio Sublime Governador da Terra trouxe para Seus pupilos terrenos, através da mediunidade de um missionário que encarnou com essa tarefa específica.

Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, atestou a origem dessa obra gigantesca como sendo de autoria do próprio Jesus, o que não é de se espantar, porque, se Ele tem se manifestado inúmeras vezes aos homens e mulheres cuja tarefa é contribuir para o progresso da humanidade encarnada, por que não poderia, através de um médium, ditar uma obra, como o fazem Seus mensageiros, dentre os quais Emmanuel, Bezerra de Menezes etc. etc.?

Para iniciar nosso estudo sobre esses dois temas, transcreveremos, sem nenhum comentário, porque desnecessário, o diálogo entre Jesus, quando Encarnado, e o senador Públio Lentulo, ou seja, o próprio Emmanuel, descrito por este último, no seu livro "*Há Dois Mil Anos*", psicografado por Chico Xavier.

Ali vemos o livre arbítrio do Espírito encarnado ser respeitado integralmente, conforme acontece sempre, pois os Espíritos Superiores nunca obrigam seus pupilos a optarem pelo Bem, mas apenas lhes aconselham essa opção, deixando por conta do aluno as escolhas, a fim de ele que tenha o mérito dos bons resultados.

Temos de aprender essa lição para a nossa vida, pois, ainda, no geral, tendemos muito a impor nossas vontades, mesmo que informadas de boas intenções, a todos aqueles a quem amamos e, principalmente, aos que ainda não amamos,

sem saber que, com isso, estamos agindo incorretamente, demonstrando atraso espiritual, o qual precisa ser superado para evoluirmos, além de prejudicar aqueles a quem temos o dever de ensinar, sobretudo, pela exemplificação e pouco pelas palavras, pois *“se a palavra convence, o exemplo arrasta”*.

Não que se vá optar pela omissão, que é um erro grave, mas que aprendamos a respeitar o livre arbítrio alheio, para que cada um daqueles que cruzar o nosso caminho, *“por um pouco de tempo”*, receba, na própria vida, os galardões que merecer pelas suas boas *“obras”*.

Passemos, então, à dramática, mas sublime lição vivida por Emmanuel há dois milênios atrás:

Após haver percorrido uns trezentos metros de caminho, encontrou transeuntes e pescadores, que se recolhiam e o encaravam com mal disfarçada curiosidade.

Uma hora passou sobre as suas amargas cogitações íntimas.

Um velário imenso de sombras invadia toda a região, cheia de vitalidade e de perfumes.

Onde estaria o profeta de Nazaré naquele instante? Não seria uma ilusão a história dos seus milagres e da sua encantadora magia sobre as almas? Não seria um absurdo procurá-lo ao longo dos caminhos, abstraindo-se dos imperativos da hierarquia social? Em todo caso, deveria tratar-se de homem simples e ignorante, dada a sua preferência por Cafarnaum e pelos pescadores.

Dando curso às ideias que lhe fluíam da mente incendiada e abatida, Públio Lentulus considerou difícilíssima a hipótese do seu encontro com o mestre de Nazaré.

Como se entenderiam?

Não lhe interessara o conhecimento minucioso dos dialetos do povo e, certamente, Jesus lhe falaria no aramaico comumente usado na bacia de Tiberíades.

Profundas cismas entornavam-lhe do cérebro para o coração, como as sombras do crepúsculo que precediam a noite.

O céu, porém, àquela hora, era de um azul maravilhoso, enquanto as claridades opalinas do luar não haviam esperado o fechamento absoluto do leque imenso da noite.

O senador sentiu o coração perdido num abismo de cogitações infinitas, ouvindo-lhe o palpitar descompassado no peito oprimido.

Dolorosa emoção lhe compungia agora as fibras mais íntimas do espírito.

Apoiara-se, insensivelmente, num banco de pedras enfeitado de silvas, deixara-se ali ficar, sondando o ilimitado do pensamento.

Nunca experimentara sensação idêntica, senão no sonho memorável, relatado unicamente a Flaminio.

Recordava-se dos menores feitos da sua vida terrestre, afigurando-se-lhe haver abandonado, temporariamente, o cárcere do corpo material.

Sentia profundo êxtase, diante da Natureza e das suas maravilhas, sem saber como expressar a admiração e reconhecimento aos poderes celestes, tal a clausura em que sempre mantivera o coração insubmisso e orgulhoso.

Das águas mansas do lago de Genesaré parecia-lhe emanarem suavíssimos perfumes, casando-se deliciosamente ao aroma agreste da folhagem.

Foi nesse instante que, com o espírito como se estivesse sob o império de estranho e suave magnetismo, ouviu passos brandos de alguém que buscava aquele sítio.

Diante de seus olhos ansiosos, estacara personalidade inconfundível e única. Tratava-se de um homem ainda moço, que deixava transparecer nos olhos, profundamente misericordiosos, uma beleza suave e indefinível. Longos e sedosos cabelos molduravam-lhe o semblante compassivo, como se fossem fios castanhos,

levemente dourados por luz desconhecida. Sorriso divino, revelando ao mesmo tempo bondade imensa e singular energia, irradiava da sua melancólica e majestosa figura uma fascinação irresistível.

Públio Lentulus não teve dificuldade em identificar aquela criatura impressionante, mas, no seu coração marulhavam ondas de sentimentos que, até então, lhe eram ignorados. Nem a sua apresentação a Tibério, nas magnificências de Capri, lhe havia imprimido tal emotividade ao coração.

Lágrimas ardentes rolaram-lhe dos olhos, que raras vezes haviam chorado, e força misteriosa e invencível fê-lo ajoelhar-se na relva lavada em luar.

Desejou falar, mas tinha o peito sufocado e oprimido. Foi quando, então, num gesto de doce e soberana bondade, o meigo Nazareno caminhou para ele, qual visão concretizada de um dos deuses de suas antigas crenças, e, pousando carinhosamente a destra em sua fronte, exclamou em linguagem encantadora, que Públio entendeu perfeitamente, como se ouvisse o idioma patricio, dando-lhe a inesquecível impressão de que a palavra era de espírito para espírito, de coração para coração:

- Senador, por que me procuras? - e, espraiando o olhar profundo na paisagem, como se desejasse que a sua voz fosse ouvida por todos os homens do planeta, rematou com serena nobreza: - Fora melhor que me procurasses publicamente e na hora mais clara do dia, para que pudesses adquirir, de uma só vez e para toda a vida, a lição sublime da fé e da humildade...

Mas, eu não vim ao mundo para derrogar as leis supremas da Natureza e venho ao encontro do teu coração desfalecido!...

Públio Lentulus nada pôde exprimir, além das suas lágrimas copiosas, pensando amargamente na filhinha;

mas o profeta, como se prescindisse das suas palavras articuladas, continuou:

- Sim... não venho buscar o homem de Estado, superficial e orgulhoso, que só os séculos de sofrimento podem encaminhar ao regaço de meu Pai; venho atender às súplicas de um coração desditoso e oprimido e, ainda assim, meu amigo, não é o teu sentimento que salva a filhinha leprosa e desvalida pela ciência do mundo, porque tens ainda a razão egoística e humana; é, sim, a fé e o amor de tua mulher, porque a fé é divina... Basta um raio só de suas energias poderosas para que se pulverizem todos os monumentos das vaidades da Terra...

Comovido e magnetizado, o senador considerou, intimamente, que seu espírito pairava numa atmosfera de sonho, tais as comoções desconhecidas e imprevistas que se lhe represavam no coração, querendo crer que os seus sentidos reais se achavam travados num jogo incompreensível de completa ilusão.

- Não, meu amigo, não estás sonhando... - exclamou meigo e enérgico o Mestre, adivinhando-lhe os pensamentos. - Depois de longos anos de desvio do bom caminho, pelo sendal dos erros clamorosos, encontras, hoje, um ponto de referência para a regeneração de toda a tua vida.

Está, porém, no teu querer o aproveitá-lo agora, ou daqui a alguns milênios... Se o desdobramento da vida humana está subordinado às circunstâncias, és obrigado a considerar que elas existem de toda a natureza, cumprindo às criaturas a obrigação de exercitar o poder da vontade e do sentimento, buscando aproximar seus destinos das correntes do bem e do amor aos semelhantes. Soa para teu espírito, neste momento, um minuto glorioso, se conseguires utilizar tua liberdade para que seja ele, em teu coração, doravante, um cântico de amor, de humildade e de fé, na hora indeterminável da redenção, dentro da eternidade...

Mas, ninguém poderá agir contra a tua própria consciência, se quiseres desprezar indefinidamente este minuto ditoso!

Pastor das almas humanas, desde a formação deste planeta, há muitos milênios venho procurando reunir as ovelhas tresmalhadas, tentando trazer-lhes ao coração as alegrias eternas do reinado de Deus e de sua justiça!

Públio fitou aquele homem extraordinário, cujo desassombro provocava admiração e espanto.

Humildade? que credenciais lhe apresentava o profeta para lhe falar assim, a ele senador do Império, revestido de todos os poderes diante de um vassalo?

Num minuto, lembrou a cidade dos césaes, coberta de triunfos e glórias, cujos monumentos e poderes acreditava, naquele momento, fossem imortais.

- Todos os poderes do teu império são bem fracos e todas as suas riquezas bem miseráveis.

As magnificências dos césaes são ilusões efêmeras de um dia, porque todos os sábios, como todos os guerreiros, são chamados no momento oportuno aos tribunais da justiça de meu Pai que está no Céu.

Um dia, deixarão de existir as suas águias poderosas, sob um punhado de cinzas misérrimas. Suas ciências se transformarão ao sopro dos esforços de outros trabalhadores mais dignos do progresso, suas leis iníquas serão tragadas no abismo tenebroso destes séculos de impiedade, porque só uma lei existe e sobreviverá aos escombros da inquietação do homem – a lei do amor, instituída por meu Pai, desde o princípio da criação...

Agora, volta ao lar, consciente das responsabilidades do teu destino...

Se a fé instituiu na tua casa o que consideras a alegria com o restabelecimento de tua filha, não te esqueças que isso representa um agravo de deveres para o teu coração, diante de nosso Pai, Todo-Poderoso!...

O senador quis falar, mas a voz tornara-se-lhe embargada de comoção e de profundos sentimentos.

Desejou retirar-se, porém, nesse momento, notou que o profeta de Nazaré se transfigurava, de olhos fitos no céu...

Aquele sítio deveria ser um santuário de suas meditações e de suas preces, no coração perfumado da Natureza, porque Públio adivinhou que ele orava intensamente, observando que lágrimas copiosas lhe lavavam o rosto, banhado então por uma claridade branda, evidenciando a sua beleza serena e indefinível melancolia..

Nesse instante, contudo, suave torpor paralisou as faculdades de observação do patrício, que se aquietou estarrecido.

Deviam ser vinte e uma horas, quando o senador sentiu que despertava.

Leve aragem acariciava-lhe os cabelos e a Lua entornava seus raios argênteos no espelho carinhoso e imenso das águas.

Guardando na memória os mínimos pormenores daquele minuto inesquecível, Públio sentiu-se humilhado e diminuído, em face da fraqueza de que dera testemunho diante daquele homem extraordinário.

Uma torrente de ideias antagônicas represava-se-lhe no cérebro, acerca de suas admoestações e daquelas palavras agora arquivadas para sempre no âmago da sua consciência.

Também Roma não possuía os seus feiticeiros? Buscou rememorar todos os dramas misteriosos da cidade distante, com as suas figuras impressionantes e incompreensíveis.

Não seria aquele homem uma cópia fiel dos magos e adivinhos que preocupavam igualmente a sociedade romana?

Deveria ele, então, abandonar as suas mais caras tradições de pátria e família para tornar-se um homem humilde e irmão de todas as criaturas?

Sorria consigo mesmo, na sua presumida superioridade, examinando a inanidade daquelas exortações que considerava desprezíveis. Entretanto, subiam-lhe do coração ao cérebro outros apelos comovedores. Não falara o profeta da oportunidade única e maravilhosa? Não prometera, com firmeza, a cura da filhinha à conta da fé ardente de Lívia?

Mergulhado nessas cogitações íntimas, abriu cautelosamente a porta da residência, encaminhando-se ansioso ao quarto da enferma e, oh! suave milagre! a filhinha repousava nos braços de Lívia, com absoluta serenidade.

Sobre-humana e desconhecida força mitigara-lhe os padecimentos atroztes, porque seus olhos deixavam entrever uma doce satisfação infantil, iluminando-lhe o semblante risonho. Lívia contou-lhe, então, cheia de júbilo maternal, que, em dado momento, a pequenina dissera experimentar na fronte o contato de mãos carinhosas, sentando-se em seguida no leito, como se uma energia misteriosa lhe vitalizasse o organismo de maneira imprevista. Alimentara-se, a febre desaparecera contra todas as expectativas; ela já revelava atitudes de convalescente palestrando com a mãezinha, com a graça espontânea da sua meninice.

PRIMEIRA PARTE

O LIVRE ARBÍTRIO

CAPÍTULO I
“ASPECTOS ESTÁTICO,
DINÂMICO E MECÂNICO DO UNIVERSO”

Chegados a este ponto, podemos estabelecer, em suas grandes linhas, os conceitos fundamentais que depois desenvolveremos analiticamente.

Não vos digo: observemos os fenômenos e deles deduzamos as consequências e lhes procuremos o princípio; mas vos digo, o quadro do universo é este: observai e vereis que os fenômenos aí se encaixam e a ele correspondem, em sua totalidade. O universo é a unidade que abarca tudo o que existe.

Há quem tenda a considerar apenas os seres humanos, desconsiderando os padrões de vida dos seres considerados como “inferiores”, no caso, os animais, vegetais e minerais, dessa forma contribuindo, direta ou indiretamente, para a depredação da Natureza.

Mas, para esses citaremos uma passagem do livro “*Libertação*”, de André Luiz, psicografado por Chico Xavier, onde se afirma a “vida” em todos esses “seres”.

Conscientizados, portanto, de que eles são hoje o que fomos em tempos passados e que serão, um dia, tão evoluídos como Jesus, respeitemos essas “vidas” e promovamos a valorização da Ecologia, não, porém, da Ecologia materialista, mas informada pelas noções da espiritualidade.

Sejamos bons para com todos, como, por exemplo, Francisco de Assis ensinou, dando “- *Bom dia!*” ao Sol, ao céu, às nuvens, à Mãe Terra, aos vegetais, ao animais, aos nossos irmãos e irmãs humanos e a tudo que existe.

Aprendamos a ser cidadãos do mundo terreno, que ingressará, daqui a poucos anos, na faixa de mundo de regeneração.

Vemos no referido livro de André Luiz:

“Cada espécie de seres, do cristal até o homem, e do homem até o anjo, abrange inumeráveis famílias de criaturas, operando em determinada frequência do Universo.”

Voltemos a “A Grande Síntese”.

Essa unidade pode ser considerada sob três aspectos: estático, dinâmico e mecânico.

Veremos que a abordagem sob esses três aspectos foi adotada por motivos puramente didáticos, como que repetindo o estilo de uma aula comum das escolas terrenas, mas, na verdade, isso visa apenas a facilitar a compreensão, pois ninguém conseguiria entender a complexidade-simplicidade dessa estrutura, que é o Universo, ou, até, de cada “*ser*” em particular, pois cada “*ser*” é um universo particular, se não fosse adotada essa didática elementar.

Em seu aspecto estático, a unidade-todo é considerada abstratamente seccionada em um átimo de seu eterno devenir, para que vossa atenção possa observar particularmente a estrutura, mais que o movimento.

Eis afirmada a evolução, ou seja, a transformação permanente dos “*seres*”, perceptível para a maioria dos seres humanos, ainda desacostumados com essa observação, apenas depois de passado um longo período de tempo, mas a transformação vai acontecendo, para cada “*ser*”, a cada “*átimo de seu eterno devenir*”.

Entendamos bem isso, pois é a realidade de todos os “*seres*”, tanto quanto as nuvens do céu mudam de lugar a cada segundo.

Não devemos nos considerar a mesma pessoa durante toda uma reencarnação, uma um “*homem novo*” mais

evoluído a cada minuto que investirmos no nosso próprio aprimoramento espiritual, caso invistamos nele.

Como estrutura, o universo é um organismo, ou seja, um todo, composto de partes, não reunidas ao acaso, mas com ordem e proporção recíproca; mesmo que momentânea e excepcionalmente possa ocorrer o contrário, sempre se correspondem entre si, como é necessário num organismo cujas partes, ao funcionarem, devem coordenar-se num objetivo único.

Não nascemos numa família, numa cidade etc. etc. por acaso, mas como peças integrantes de um conjunto, tal como explicado acima, a fim de cada um dar o que tem e receber o que ainda lhe falta.

Por isso, nunca reclamemos do que quer que seja, pois a Grande Lei Divina coloca cada um no lugar certo e na hora certa, para todos evoluírem juntos.

A incompreensão quanto a isso gera problemas muito sérios e a criatura humana perde reencarnações sucessivas por querer mudar de lugar, de família, de atividades etc. etc.

Em seu aspecto dinâmico a unidade-todo é considerada naquilo que verdadeiramente é: um eterno devenir. O universo é um movimento contínuo. Movimento significa trajetória; trajetória significa um objetivo a atingir. Na realidade, o aspecto dinâmico se funde com o estático, isolamo-lo apenas para facilitar as observações. O movimento é orgânico, é funcionamento de partes coordenadas. Assim se define o conceito de simples movimento e se completa num vir-a-ser mais complexo, que já não é só movimento físico, mas transformismo fenomênico; o conceito de trajetória complica-se num mais amplo progresso à meta definida.

A evolução, a transformação, “*a interdependência dos seres*”, como diz Montaigne.

Recomendamos a leitura da obra desse autor espiritual, batizada com esse nome e divulgada na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita.

O aspecto mecânico é apenas o conceito de movimento abstratamente isolado, a fim de poder analisá-lo melhor, colhendo o princípio e definindo a lei, por meio do estudo da trajetória-tipo dos movimentos fenomênicos. É o estudo da lei como forma e norma do devenir.

Como dito, tudo caminha para o aperfeiçoamento, mesmo quando o “*ser*” parece estar estacionário, pois, quanto aos Espíritos humanos, como nunca paramos de pensar, a evolução estará sempre acontecendo, podendo, no máximo, cada um acelerar, até certo ponto, a própria evolução, ou evoluir mais devagar.

Por isso a afirmação: “*a cada um segundo suas obras*”.

Resumindo:

O aspecto estático mostra-nos o universo em sua estrutura e forma; o aspecto dinâmico, em seu movimento e vir-a-ser; o aspecto mecânico, em seu princípio e em sua lei. Mas esses são somente aspectos, pontos de vista diferentes do mesmo fenômeno. Coexistem sempre, em toda parte, e os encontramos conexos.

Mero recurso didático, portanto, como dito desde o começo da exposição de rara beleza e objetividade, a qual focaliza, sempre, a evolução.

Do exame desses três aspectos surge a ideia gigantesca que domina todo o universo. Quer o

observemos como organismo, como devenir, ou como lei, chegaremos ao mesmo conceito por três estradas diferentes, que se somam e reforçam a conclusão. Ascendemos, assim, ao Princípio Único, à ideia central que governa o universo. Esse princípio, essa ideia, é ordem.

Vejamos essa noção nova: ordem, ou seja, globalidade harmônica.

Ninguém conseguirá nunca alterar essa determinação irresistível da Grande Lei Divina, por mais que se queira, no caso dos seres humanos, “fazer o que dá na cabeça”.

A Lei de Causa e Efeito nos mantém dentro de certos limites, obrigando-nos a respeitar a ordem, que a Grande Lei Divina determina para todos os “seres”, mesmo que tenhamos de “retornar à Casa Paterna” através dos sofrimentos, os quais nos alcançam cedo ou tarde, quando estamos em desacordo com a ordem.

Aprendamos isso.

Imaginai, se a ordem não reinasse soberana, que choque tremendo sofreria um funcionamento tão complexo como é o da criação, um transformismo que jamais para! Somente esse princípio pode coordenar um movimento de tamanha vastidão. Cada fenômeno, em cada campo, tem uma trajetória própria de desenvolvimento, que não pode mudar, é sua lei, coordenada à lei maior; tem uma vontade de existir numa forma que o individualize e de mover-se para atingir u’a meta exata, razão de sua existência; é lançado com velocidade e massa que inconfundivelmente o distingue entre todos os demais fenômenos. Como poderia tudo mover-se sem precipitar-

se num cataclismo imediato e universal, se cada trajetória não tivesse sido já traçada inviolavelmente?

Incluamos a nós também nessa massa de “seres”, pois cada um de nós é apenas “*mais um na multidão*” dos “seres” que habitam o Universo infinito.

Por isso, não pretendamos que Deus derroque Sua Grande Lei apenas para satisfazer nossos caprichos e desejos, nem sempre honestos e idealistas.

Somos filhos de Deus tanto quanto todos os animais, vegetais e minerais, os seres angelicais e tudo que existe, porque Deus não Ama a um filho mais do que a outro.

Aprendamos, como diz a irmã Tereza, a “*curvarmo-nos diante do Poder de Deus*”, manifestado através da Sua Grande Lei, que traduz Seu Amor Infinito por todos os Seus filhos, que são Suas criaturas.

Não podeis deixar de encontrar esse princípio de uma lei soberana, em toda parte e a qualquer momento. Vossa vida individual, vossa história de povos, vossa vida social têm suas leis. Vossas estatísticas, pelo princípio dos grandes números, colhem-nas e podem dizer-vos quantos nascimentos, mortes ou delitos acontecerão aproximadamente nos anos seguintes. Também o campo moral e espiritual tem suas leis; embora sua complexidade vos faça perder o rastro, a lei subsiste também nesse campo, matematicamente exata. Não vos falo de fenômenos biológicos, astronômicos, físicos ou químicos. Se podeis mover-vos, agir e conseguir qualquer resultado, é porque tudo em torno de vós se move com ordem, de acordo com uma lei, e nessa lei tendes sempre confiança porque só ela vos garante a constância dos efeitos e das reações. Lei não inexorável, não sensível,

mas complexa, extraordinariamente complexa em todo o entrelaçamento de suas repercussões; uma lei elástica, adaptável, compensadora, construída com tão vasta amplitude, que abarca em seu âmbito todas as possibilidades. Lei, sempre lei, exata nas consequências de qualquer ato, férrea nas conclusões e sanções, poderosa, imensa, matematicamente precisa em sua manifestação.

Ela é ordem e, como ordem, mais ampla e poderosa que a desordem, portanto, engloba-a e a guia para suas metas; ela é equilíbrio, mais vasto que o desequilíbrio, o qual abarca e limita num âmbito intransponível. Equilíbrio e ordem são, também, o Bem e a Alegria. Em todos os campos, uma só é a lei. A alegria é mais forte que a dor, que se torna instrumento de felicidade; o bem é mais poderoso que o mal, ele limita e o constringe para os seus objetivos. Se existem desordem, mal e dor, só existem como reação, como exceção, como condição, como contragolpe fechado dentro de diques invisíveis, determinados e invioláveis. Esta é a verdade, embora seja difícil demonstrá-la à vossa razão, que observa a matéria. Esta, por estar à distância máxima do centro da causa primeira, é o que há de menos apto para revelar-vos essa causa; embora contendo em si todo o princípio, esconde-o mais secretamente em seu âmago.

Façamos, aqui, uma pausa para reflexão.

Não há uma Lei para cada faixa evolutiva dos “seres”, pois que a classificação dos “seres” segundo seu grau evolutivo é artificial, criação da precária Ciência materialista do mundo terreno.

Como cada “*ser*” evolui indefinidamente, a Lei é a mesma para todos eles.

Não pensemos que Deus elaborou uma Lei apenas para os “*seres*” humanos, pois “*somos um*” com todos os demais, os mais adiantados e os mais primitivos.

Nesse ponto, os indianos em geral, os índios e outros que se consideram irmãos de todos os “*seres*” da Natureza conseguem compreender melhor a Grande Lei Divina, que rege a evolução de todo o Universo.

Desapeguemo-nos dos padrões materialistas da Ciência terrena, que terá de evoluir no rumo do reconhecimento da existência do Espírito, criado “*simples e ignorante*”, ou seja, como está afirmado no livro “*Libertação*”, de André Luiz, citado linhas atrás.

Não confundais a ordem e a presença da Lei com um automatismo mecânico e um fatalismo absurdo. A ordem, vo-lo disse, não é rígida, mas apresenta espaços elásticos, contém subdivisões de desordem, imperfeição, complica-se em reações, mas permanece ordem e lei no conjunto, no absoluto. Um exemplo: em oposição à vontade da Lei, tendes a vontade de vosso livre arbítrio, mas é vontade menor, marginalizada, circunscrita por aquela vontade maior; podeis agitar-vos a vosso bel prazer, como dentro de um recinto, não além dele.

Façamos, aqui, nova pausa, pois aparece a palavra livre arbítrio.

Surge, claramente, a afirmação de que os “*seres*” que, presentemente, transitam pela faixa dita “*humana*” usufruem da liberdade mais ampla, um pouco maior que a dos animais, mas não diferente, batizada de livre arbítrio.

Consideremos, apenas como complemento da nossa reflexão, que André Luiz afirma, acima da graduação humana, a existência de “*seres*” vivenciando a faixa evolutiva da angelitude.

Todas essas classificações são artificiais, como se sabe, mas, no presente caso, pretendemos apenas dizer que não somos “*os melhores*” no Universo, o que significa que devemos adquirir a virtude da humildade.

Vemos, pela exposição do Divino Mestre, que nosso livre arbítrio nos permite pensar, sentir e agir dentro de um espaço delimitado pela Grande Lei Divina, conforme nosso nível espiritual, ou seja, podemos errar e acertar apenas dentro daquele espaço.

Assim, fazer o bem ou o mal é relativo e os outros “*seres*” somente serão beneficiados ou prejudicados dentro dos limites em que podemos atuar, o que, na verdade, normalmente desconhecemos, pois nossa percepção ainda é limitada.

Dessa forma, até quando pretendemos fazer o Bem, devemos nos contentar apenas em “*semear*”, pois a época da “*colheita*” e os “*frutos*” estão na alçada de Deus, ou seja, da Sua Grande Lei.

Essa movimentação vos é permitida, porque necessária para que sejais livres e responsáveis no ambiente que vos cerca; possais, assim, com liberdade e responsabilidade, conquistar vossa felicidade. Resolvi (assim de passagem) o conflito que para vós é insolúvel entre determinismo e livre-arbítrio. Estes conceitos levar-vos-ão, posteriormente, a conceber uma exata moral científica.”

Veja-se aí a Ética baseada na Grande Lei de Deus e não aquela repetida desde a Roma antiga, materialista, insciente, inconsciente, burlada a cada passo por aqueles que acreditam

que são corpos destinados à sepultura: “*Viver honestamente, dar a cada um o que é seu e não lesar a ninguém.*”

CAPÍTULO II

“PARALELOS EM QUÍMICA ORGÂNICA”

Procuraremos na química orgânica algum paralelo ou correspondência ao princípio dos movimentos vorticosos. Depois de havermos observado a gênese da vida em sua íntima e profunda realidade, dispomo-nos agora a caminhar para o exterior, para aquela aparência, mais sensória, portanto, mais facilmente compreensível para vós. Vários fenômenos da química orgânica mostram-vos que a estrutura do fenômeno vital corresponde a dos movimentos vorticosos observados.

A sequência descrita no livro que comentamos seria interessante para os prezados leitores, mas refoge ao objetivo deste livro, que tratará apenas do livre arbítrio e do mérito.

Transcrevemos, todavia, cinco capítulos de “A Grande Síntese”, na sua íntegra, com duas finalidades: 1 – não pinçar frases esparsas, que dariam uma visão incompleta da sequência evolutiva dos “seres” e 2 – motivar os prezados leitores a procurarem essa obra monumental e lê-la da primeira à última página, que valerá a pena, pois, afinal de contas, é um texto que explica a Grande Lei de Deus, a que o Divino Mestre se referiu simbolicamente quando da Sua Encarnação na Terra, há dois milênios atrás.

Agora, ou seja, no princípio do século XX, veio pessoalmente, sem palavras simbólicas, porque a humanidade terrena evoluiu intelectual e espiritualmente, explicar em que Ela consiste: haverá, então, algum livro mais importante na face da Terra?

Enquanto as principais reações da química mineral são instantâneas e totais, as da química orgânica são, geralmente, progressivas e lentas. A mecânica das

reações indica-vos que só no primeiro caso o equilíbrio químico do sistema é quase imediatamente atingido, ao passo que nas reações orgânicas é necessário muito tempo antes que se chegue a esse estado. Essas reações progressivas, mesmo simples em aparência, são em realidade uma superposição de reações sucessivas, que determinam produtos intermediários muito efêmeros para serem percebidos. Essa mobilidade química, aparentemente menor, é devida, em substância, ao sistema vorticoso que resiste (inércia) contra qualquer ação que tenda a deslocar-lhe o equilíbrio; ela é mais poderosa e profunda que o sistema atômico simples, porque, também, é um sistema mais complexo. O entrelaçamento das linhas de força que devem ser diversamente dirigidas é muito mais amplo, mas em compensação, pela mesma razão, o sistema está apto a conservar por mais tempo os tipos de movimento uma vez imitados e absorvidos (germe da hereditariedade).

A diferença entre o que se convencionou chamar de Química Inorgânica e de Química Orgânica consiste, justamente, como explicado acima, na diferença de grau evolutivo entre os “seres” que cada uma das duas estuda, sendo os da segunda mais evoluídos.

Somente este dinamismo mais profundo, cuja estrutura cinética estudamos, podia produzir a síntese química da vida a partir da matéria inorgânica.

Atentemos para a expressão “*síntese química da vida*”.

Os cientistas materialistas ainda irão entender como surge a vida, a partir do momento em que reconhecerem a existência, primeiro de Deus, e, depois, do Espírito.

Sem esses dois pressupostos, estarão enxergando, nos microscópios, cada vez mais poderosos, apenas a sombra dos “seres” e não os próprios, pois todo ser é Espírito.

A substância dos intercâmbios vitais consiste num ciclo, mediante o qual o íntimo dinamismo do sistema transporta a matéria inorgânica em combinações químicas para ela extraordinárias e complicadíssimas, que jamais teria conseguido sozinha. A característica da química da vida é a necessidade de uma contínua renovação íntima, com a qual se reconstitui de uma rápida deterioração; um desfazer-se constante de equilíbrios que, no entanto, reconstroem-se sempre, de modo que, no conjunto, o equilíbrio permanece, mas condicionado por intenso e íntimo trabalho.

Eis aí o Espírito: o provocador das mudanças, da evolução daquilo que os cientistas materialistas enxergam nos seus microscópios.

Sem a constatação da realidade espiritual, não há como entender-se a “vida” dos “seres”.

A estabilidade permanece através da instabilidade de todos os seus momentos, à custa de ser uma correnteza em movimento.

Nada que foi criado por Deus é estático, destinado a ser sempre como foi antes.

Os minerais trabalham interiormente na própria evolução; assim também os vegetais, os animais, os homens e os anjos, além do que esteja acima da fase da angelitude, até o infinito.

Por isso Jesus disse: “*Sede perfeitos, como vosso Pai, que está nos Céus, é Perfeito.*”

A própria morte, que parece a destruição do edifício — porque determina o momento em que os elementos se apressam a descer os degraus dessa estrutura muito complexa, a fim de retornarem ao seu estado primitivo mais simples — não representa incapacidade de manter-se no mais alto equilíbrio da vida, mas é efeito da rápida sucessão sempre ativa, que jamais para, do dinamismo do sistema.

A morte nada mais é que a desagregação da união entre os trilhões de células que compunham a unidade harmônica do corpo físico, sendo cada uma delas um Espírito em fase evolutiva mais rudimentar, voltando tudo aparentemente ao começo, para recomeçar de novo.

No livro “*Libertação*”, de André Luiz, se vê essa afirmação nas seguintes palavras:

“Os investigadores do raciocínio, ligeiramente tismados de princípios religiosos, identificam tão somente, nessa anomalia sinistra, a renitência da imperfeição e da fragilidade da carne, como se a carne fosse permanente individuação diabólica, esquecidos de que a matéria mais densa não é senão o conjunto das vidas inferiores incontáveis, em processo de aprimoramento, crescimento e libertação.”

Em “*A Grande Síntese*” se aprende que recomeçar é um dos itens da Grande Lei Divina, como forma de fixação das lições vivenciadas.

Morte é sinônimo de renovação. Por isso, a vida persiste perenemente no ritmo veloz de seu devenir. Fenômeno antiestático por excelência, a vida não é possível sem renovação. O processo vital é a resultante evidente do movimento contínuo de introdução e expulsão, de

associação e de desassociação, de anabolismo (assimilação) e de catabolismo (desassimilação), o que leva à regeneração constante das células.

É o retrato do movimento pendular, o recomeço perpétuo, apenas que num degrau acima.

Ninguém estaciona, nenhum “*ser*” simplesmente “*vegeta*” no pior sentido da palavra.

Por isso, devemos aprender o Amor Universal, pois somos todos “*irmãos*”, ligados indissolivelmente: aprendamos a viver segundo esse modelo, que Jesus ensinou, antes, por termos simbólicos, e, em “*A Grande Síntese*”, dentro do vocabulário científico e filosófico.

Aliás, devemos aprender que Ciência, Filosofia, Arte e Religião são uma e a mesma procura do Conhecimento, de Deus, do Amor Universal.

A vida, desde sua primitiva fase orgânica, que só contém os primeiros rudimentos do psiquismo, é sua meta — no homem atingirá sua autonomia — é dinamismo intenso produzido por contínuo e complexo decompor-se e recompor-se da matéria em combinações químicas fugacíssimas.

Veja-se, aqui, a afirmação clara e induvidosa de que o que se convencionou chamar de psiquismo começa a surgir na “*fase orgânica*”, significando, todavia, que o instante da “*criação*” antecede essa fase.

Aliás, em “*A Grande Síntese*”, o Divino Mestre esclarece sobre toda a sequência evolutiva das criaturas.

Derrubemos, de vez, o preconceito contra os chamados “*seres*” inferiores da Natureza, pois já fomos um deles e eles serão iguais a nós e atingirão a perfeição relativa.

Quando Jesus disse: “*Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda*” estava incluindo os demais seres da Natureza, ou, em outras palavras, do Universo.

Dentro desse dinamismo, as substâncias são tomadas e levadas através do organismo, são absorvidas, assimiladas, fundidas na palpitação vital e, depois de haver demorado nele, são eliminadas. Sua passagem pelo ciclo orgânico é, para essas substâncias, uma espécie de febre, de corrida insólita, da qual escapam para repousar em seu equilíbrio químico inorgânico assim que se livram dessa imposição.

Como vemos, a morte do corpo físico provoca a desagregação dos elementos químicos orgânicos em múltiplos elementos inorgânicos, elementares, primários, para, em seguida, recomeçar-se o ciclo, em fase mais evoluída, pois todo recomeço ocorre num degrau acima, com a formação de outro corpo físico e assim sucessivamente.

Nunca, portanto, devemos ter medo de recomeçar, pois já recomeçamos milhões de vezes, nem devemos ter medo de morrer nem de reencarnar.

Ora, é esse exatamente o fenômeno que ocorre num turbilhão, que prende em seu movimento rotatório sobretudo os corpos leves (peso atômico baixo, menor resistência ou inércia), arrasta-os no seu vórtice e, finalmente, abandona-os. Acontece isso enquanto, constantemente, muda o material constitutivo do turbilhão, embora conserve independente sua individualidade.

Quem mantém intacto, num e noutro caso desses dois fenômenos afins, esse equilíbrio superior, enquanto

dentro de si os edifícios atômicos passam rapidamente de um sistema de equilíbrio a outro? Quem dá a essa instabilidade o poder de manter-se indefinidamente, de retificar-se, de reconstituir-se a força de resistir contra todos os impulsos contrários, que tendem a trazer desvios? O fenômeno da vida não é fenômeno transitório nem accidental. Seus equilíbrios instáveis não são meros acasos químicos, porque eles se fixaram substancialmente no caminho da evolução. Onde se encontrará essa nova capacidade de autonomia, absolutamente desconhecida no mundo da química inorgânica, senão na estrutura especial cinética dos movimentos vorticosos? Diante do insuperável determinismo da matéria, encontramos aqui nos primeiros passos daquela ascensão que levará, na fase de consciência, ao livre arbítrio, uma novíssima liberdade de movimentos que, no entanto, não destrói o equilíbrio nem a estabilidade integral do sistema. Sem dúvida o movimento vorticoso enfeixa o processo típico de isolamento, no ambiente, de um sistema de forças, portanto, princípio da individualidade. Um turbilhão de forças já é um eu distinto de tudo o que o circunda, com o qual entra em relação, mas não se funde com o devenir, que tem direção e meta própria, com uma troca e um princípio diretor de funcionamento que dá, de imediato, a imagem do organismo e da vida.

Eis aí a individuação do Espírito, o qual direciona e garante toda essa complexa caminhada para o mais evoluído.

Só o sistema cinético do vórtice contém as características de elasticidade, de equilíbrio móvel, tão distantes da rigidez inorgânica, que lembram tanto o estado coloidal, fundamental na vida. Este, ao mesmo tempo que assegura

a estabilidade da estrutura dos protoplasmas vivos, neles favorece maravilhosamente o desenvolvimento das reações químicas. O vórtice recebe e reage; admite, em vista de sua estrutura, uma muito maior velocidade de reações do que o sistema atômico e por isso é a sede mais adequada para a evolução das reações químicas. Sistema plástico, móvel e flexível, tal como a vida; no entanto, resistente. Ele tem a faculdade de assimilar os impulsos exteriores, de torná-los próprios sem quebrá-los, de conservar-lhes traços no próprio movimento e de registrar a resultante de suas combinações (memória).

A memória é o registro no Espírito, sendo que, por isso, Chico Xavier afirmou que os vegetais estão aprendendo a memória.

Ele rende-se e transforma-se, suporta, mas não esquece nada. Sua elasticidade significa a capacidade de retomar o equilíbrio de acordo com a lei de seu movimento. Passivo e ativo ao mesmo tempo, tangencia todas as características da vida.

A passividade é uma característica feminina e a atividade masculina. Por isso se vê que todos os seres foram acumulando essas duas características, apenas que em uns predominando a primeira e em outros a segunda.

Outra aproximação entre as características dos fenômenos vitais e a dos movimentos vorticosos: a admissão da matéria na circulação da vida não ocorre ao acaso. Vimos que são preferidos os pesos atômicos baixos mas não é só. O vórtice vital estabelece ligações entre átomo e átomo. Quando estes são tomados no movimento da vida, estabelecem-se entre eles vias de comunicação. Enquanto na química inorgânica só temos os movimentos

planetários dos sistemas atômicos fechados, simplesmente coordenados em sistemas moleculares, em equilíbrio estável; na química orgânica temos sistemas atômicos abertos e comunicantes, em equilíbrio instável.

Na escalada evolutiva humana integramo-nos a grupos, a fim de evoluirmos em coletividades.

Devemos entender isso claramente, apenas que ampliando nosso leque de interação quanto aos seres mais primitivos e os mais evoluídos, pois nossa “*entourage*” não se circunscreve a homens e mulheres, mas abrange um grupo muito maior.

Os átomos estão reunidos em cadeia e tornam-se solidários dentro de um mesmo fluxo dinâmico, guiados pelo mesmo impulso e pela mesma vontade. Na matéria, ficam mutuamente estranhos em sua estrutura íntima, embora vizinhos e equilibrados. Na vida, apertam-se num abraço e movimentam-se numa única direção. Esta é a base da unidade orgânica. Quando a unidade se dissolve, as passagens fecham-se, os sistemas tornam a isolar-se, reciprocamente indiferentes. Com o vórtice, terminou aquela vontade coletiva que os irmanava. Essas cadeias dinâmicas são abertas. Os átomos presos no turbilhão vital são modificados em seu movimento íntimo e arrastados num movimento diferente. Nessa viagem, são elaborados, sua constituição química é modificada. Terminado seu trajeto, são abandonados não mais vivos, mas inertes. Os átomos são, assim, alinhados em séries bipolares e a viagem da vida realiza-se entre dois extremos: nascimento e morte.

Abordando a questão do livre arbítrio, vemos aqui a explicação que nos ajudará a entender que nosso livre arbítrio

e o daqueles que estão próximos de nós na caminhada evolutiva não devem entrecostar-se, guerrearem entre si, mas somarem.

Charles Darwin, com sua visão materialista, equivocou-se ao afirmar que os “*seres*” se guerreiam entre si para evoluir, quando, na verdade, Jean-Baptiste Lamarck é quem tinha razão, ao dizer que o que funciona na Natureza é a interdependência, a colaboração, pois até os “*seres*” humanos mal intencionados cumprem uma tarefa de progresso como aplicadores da Justiça Divina junto aos infratores, mas, por sua vez, igualmente serão justificados, pois “*a cada um conforme suas obras*”.

Agora sabeis que somente as substâncias orgânicas, constituídas de cadeias abertas de átomos (ou grupo de átomos) são aceitas pelos seres no âmbito da vida, enquanto as substâncias cíclicas, os compostos de cadeia fechada, não são tolerados. Tudo isso coincide com a estrutura cinética do sistema vorticoso, aberto e pronto a admitir no próprio âmbito sempre novos impulsos.

Aqui mais um argumento a favor da compreensão de que o individualismo, o egoísmo, o orgulho e a vaidade são inadmissíveis segundo Grande Lei Divina, a não ser na fase elementar da evolução.

Entendamos isso de uma vez por todas: não há nada mais claro que essa explicação.

É óbvio que, num sistema cíclico, uma cadeia de átomos fechada em si mesma não pode ser admitida, porque não oferece acesso. A linha das transformações químicas é dada pelo eixo do sistema vorticoso. Vimos que esse eixo era dado pela onda degradada de β . Assim, cada indivíduo biológico, se é físico no exterior, é sempre,

embora em graus diferentes, psíquico em seu centro interior, justamente porque é de origem elétrica o eixo do sistema vorticoso.

Entenda-se que a expressão “psíquico” significa espiritual.

Nos primeiros níveis, a eletricidade e o psiquismo, que dela nascerá nos níveis mais elevados, estão sempre no centro do fenômeno vital. Como o eixo atrai para o redor de si um sistema vorticoso, assim o princípio psíquico atrai e sustenta em torno de si uma vestimenta orgânica.

Entenda-se aí a origem do perispírito, expressão provisória, neologismo criado por Allan Kardec, mas que André Luiz praticamente desautorizou, como corolário normal da progressividade da Revelação, ao falar igualmente no “corpo mental”.

Na verdade, há ainda outros corpos, conhecidos pelos iniciados desde a mais remota Antiguidade.

Mas, fiquemos por aqui, para não suscitar polêmicas desnecessárias, pois o objetivo deste livro é tratar do livre arbítrio e do mérito.

Então, a linha do transformismo vital — seja cadeia de reações químicas, seja desenvolvimento individual, seja evolução biológica — já estava traçada e contida na linha da expansão dinâmica (onda). Vede como a evolução da vida, em seu impulso interior, determinante das formas, está em linha de continuidade com a difusão de β e com a evolução das espécies dinâmicas.

Cada “ser”, desde sua criação por Deus, assemelha-se à semente, que contém todas as potencialidades, o que fez com que Jesus dissesse: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.”

CAPÍTULO III

“MOVIMENTOS VORTICOSOS E CARACTERES BIOLÓGICOS”

Outras características fundamentais, entretanto, possui o sistema cinético vorticoso, que o aproximam e assemelham aos fenômenos vitais. De tudo isso podeis tirar mais uma confirmação de que, como vos disse, é vorticoso a íntima estrutura do fenômeno biológico; disso, esta teoria vos dá uma profunda explicação que se harmoniza com a de todos os fenômenos existentes. O vórtice é apenas a expressão volumétrica daquela espiral que vimos ser a trajetória de todo fenômeno, a expressão gráfica do conceito que o dirige; aquela espiral, também aqui, no campo biológico, reaparece no organismo dinâmico do vórtice. Este corresponde ao princípio da espiral que se abre e se fecha e com isso se expande à maneira de respiração, que dilatando progressivamente a amplitude de seu ritmo, agiganta-se (crescimento orgânico e psíquico da vida). Já mostramos como a constituição desse movimento vorticoso leva-o a uma diferenciação do ambiente, isto é, uma individuação independente. Pode parecer-vos que haja um abismo entre a vida e a matéria, e a vida representa, no universo, uma subversão fundamental de leis. Não. Não há abismos na natureza, nem saltos, nem zonas de vácuo: tudo é continuação do que foi preparado precedentemente, desenvolvimento do que já existia em estado de germe. Por isso, encontrais na biologia os mesmos princípios que despontam na química, embora mais desenvolvidos e elevados, e a passagem faz-se por uma maturação interior, que já eleva a uma combinação mais alta os

elementos preexistentes. O princípio dirigente despertou, ele que dormia no âmago das coisas.

Esse processo de individuação do vórtice atômico, que se distingue no campo cinético do ambiente, corresponde à lei que já vimos, pela qual os seres, ao evoluir, passam do indistinto ao distinto; lei que se compensa, para que o todo não se pulverize no particular, como aquela dos reagrupamentos em unidades coletivas (um indivíduo biológico é simplesmente um organismo de sistemas vorticosos ligados e comunicantes). Enquanto a matéria apresenta-se individuada em formas que se repetem idênticas, a vida jamais apresentará duas exatamente iguais e seu comportamento terá sempre uma nota de individualidade. Em cada forma de vida existe uma distinção mais acentuada, ao mesmo tempo em que essa forma é uma unidade coletiva mais complexa em sua organicidade. Existe na vida uma individualidade de manifestações, que preludia o desenvolvimento da personalidade, e existe uma independência de movimentos em que já se sente o início do processo de transformação do determinismo físico no livre arbítrio do psiquismo. Evolução, com efeito, à proporção em que é descentralização cinética, é também expansão e liberação de movimento. Ora, essas características da vida nós a encontramos também nos movimentos vorticosos.

Acreditamos que os prezados leitores, agora já acostumados com as expressões técnicas utilizadas nestes tópicos de “A Grande Síntese”, não precisarão mais de tantos comentários de nossa parte e perceberão aonde pretendemos chegar, nesta Primeira Parte, que trata do livre arbítrio, ou seja, que, no mundo de regeneração, que a Terra passará a

ser a partir daqui a poucos anos, os “*seres*” humanos terão de estar conscientizados de que deverão utilizar seu livre arbítrio em benefício de todos os “*seres*”, incluídos, literalmente, todos, a que nos referimos no decurso deste estudo.

Mudemos, desde já, nossa visão da vida, do mundo, das pessoas, da Natureza, do Universo, de Jesus, de Deus, do Amor Universal, de nós mesmo, das nossas de vida, do dinheiro, do poder, das virtudes, da liberdade, da igualdade, da fraternidade e tudo que represente coisas do dia a dia das abstrações, tudo enfim: sejamos “*globais*”, conscientemente “*globais*” e não como éramos quando de nossa passagem pelos Reinos animal e vegetal.

Sejamos dignos do livre arbítrio da fase humana.

Jesus tem gasto um tempo enorme conosco há muitos milênios ou milhões de anos: façamos o mínimo de não continuarmos a Lhe dar tanto trabalho e mereçamos o Seu Amor Ilimitado de Espírito Puro.

Um caso de movimentos vorticosos mais concreto e mais susceptível de observação, para vós, é encontrado nos turbilhões, ciclones, sorvedouros, trombas marinhas e outros semelhantes. Um turbilhão é uma unidade dinâmica distinta do ambiente, com caracteres de individualidade, independente daquele em seus movimentos, com seu próprio ponto de origem (nascimento) e um ponto final (morte), quando sua energia e sua trajetória se esgotam. Ele resiste aos impulsos estranhos e, se admite forças em seu âmbito, modifica-as com um processo que relembra o conceito de assimilação.

Eis os rudimentos do processo da assimilação.

Mais que uma forma estática como no mundo físico, o turbilhão é essencialmente o desenvolvimento de um dinamismo. Sua essência, como na vida, está no devenir e mantém-se perfeitamente equilibrado numa transformação contínua. Há nisso algo do futuro psiquismo.

Atentemos para o que se transformará no futuro psiquismo.

Os materiais constitutivos são forma exterior e efeito, mais do que causa determinante: de fato, esses materiais mudam constantemente, ao passo que a forma, apesar de sua mutação, permanece idêntica a si mesma. O tipo da forma permanece, embora esta se modifique e também o material constitutivo que a atravessa. Este transforma-se numa correnteza contínua, que já vos fala daquele metabolismo, nota fundamental do mundo orgânico.

Eis o que virá a ser o metabolismo.

Este se apresentará com sua característica fundamental de saber absorver e utilizar as energias ambientais disponíveis.

No turbilhão existe, portanto, uma troca, um poder de assimilação e, em sua capacidade de resistir aos impulsos externos, existe, em embrião, o que será o instinto de conservação.

Aqui a referência ao porvindouro instinto de conservação.

O vórtice eletrônico é simplesmente um turbilhão. O que atravessa seu sistema cinético são os átomos em constante substituição, na qual, eles se transmitem os caracteres essenciais, que não são os de suas propriedades físicas e químicas, mas aqueles que o sistema cinético, em que

esses átomos são presos, confere a seu íntimo movimento. A natureza, já dada, daquele sistema, é uma capacidade, a priori, de entrar diversamente em combinação, segundo os vários tipos de movimento que o ambiente oferece. Isso será a capacidade de escolha, ou o poder de transformar diversamente, segundo o tipo orgânico, os próprios materiais do mundo exterior (mesma substância formará tecidos diferentes e órgãos, de acordo com o organismo que os tiver tomado em circulação).

Isso será a capacidade de escolha.

O princípio de inércia, que dirige este como todos os outros sistemas cinéticos, contém o germe da resistência às variações e do misoneísmo.

Aí o germe da resistência às variações e do misoneísmo.

Nesta absorção de materiais existe também projeção de forças e comunicação com o exterior por parte da individuação; o vórtice não é mais sistema cinético fechado, mas aberto; esses caminhos abertos para o exterior serão os caminhos da sensibilidade e da percepção que permitirão, num primeiro nível, simplesmente orgânico, a síntese proteica; depois, a assimilação; num nível mais alto, o acréscimo contínuo daquele núcleo psíquico, já que o turbilhão o contém em germe, até a maravilhosa dilatação de consciência que o homem alcançou, e além disso.

Futuros caminhos da sensibilidade e da percepção.

O turbilhão tem uma vontade de reação que não é apenas resistência à deformação, mas é princípio ativo, que projeta para o exterior e modifica o ambiente; eis o germe da atividade humana que, modificando-se de acordo com as circunstâncias, por sua vez as modifica; é o germe da

adaptação, de papel tão importante na variedade das espécies.

Eis o instinto da adaptabilidade.

Na natureza das formas dinâmicas (onda, direção, expansão) encontrais o primeiro germe daquele impulso que se transformará em vontade.

Aí os rudimentos da vontade.

No turbilhão, como na vida, existe um contato contínuo entre o interior e o exterior, essa permuta de ações e reações, esse escorar-se de impulsos e contra impulsos, que sustentam a caminhada da evolução.

A evolução.

Mas não basta. O turbilhão possui não apenas a capacidade de resistências às deformações, aos desvios e à vontade de reação, mas também capacidade de registrar os movimentos que absorve e de conservação dos mesmos em seu âmbito, embora transformados para adaptá-los a si mesmo. Eis novos germes. Não apenas sensibilidade e percepção, mas a memória das impressões e a capacidade de fixá-las na personalidade e nas características da espécie, quer em modificações orgânicas, quer em capacidades psíquicas (automatismos, gênese dos instintos).

Eis a gênese da memória.

(Aliás, que são os automatismos, senão movimentos introduzidos e estabilizados, por ação prolongada, no organismo cinético do vórtice?). Capacidade de assimilação de impressões e, portanto, possibilidade de que aquela concentração cinética, em que a forma reduz-se a semente, contenha a gênese de todas as características adquiridas e a possibilidade de fazê-la, de novo, voltar a

realizar-se e desenvolver-se (a criança é vivaz porque está no período de descentralização cinética. O adulto é mais profundo e vivaz, isto é, não física, mas psiquicamente porque a descentralização cinética penetra nas camadas mais profundas). A esses movimentos documentários, que resumem todo o passado vivido, deve-se a possibilidade da evolução.

O turbilhão tem uma vontade própria de penetração, uma vontade de permanecer em sua forma e de progredir em sua trajetória, tal como o ser vivo; vontade que se esgota como neste e como em qualquer transmissão dinâmica.

Por isso tudo dissemos que, ao criar cada “*ser*”, Deus já incutiu nele todas as potencialidades para chegar a ser um “*deus*”, como Jesus tinha afirmado há dois milênios atrás.

Cada turbilhão é um “*ser*”: vejamos nele um “*átomo*”, o qual, todavia, como se sabe, não deveria receber esse nome, pois “*átomo*” significa “*indivisível*”, enquanto que é, na verdade, um “*turbilhão*” divisível, e não consegue a Ciência terrena identificar qual é o “*turbilhão*” inicial, o mais simples, o “*primeiro*”, o “*básico*”, digamos assim, uma vez que elétrons, prótons, nêutrons etc. são outros “*turbilhões*” dentro do “*turbilhão*” que é um “*átomo*”.

Concluamos, como muitos já o fizeram, que a infinitude vai para cima e para baixo, não havendo como a inteligência humana terrena identificar o Infinito, pois estamos, digamos, no meio do caminho, e não enxergamos além do que nossa vista alcança para a frente e para trás.

Sejamos, portanto, humildes, pois nossa razão terrena tem apenas quarenta milênios, o que é muito pouco, diante,

por exemplo, de Jesus, que, quando formou a Terra, há bilhões de anos atrás, já era um Espírito Puro.

O processo de degradação, pelo qual as qualidades úteis da energia transformam-se num refinamento de valores, é constante na vida, desde seu início até suas formas mais altas. O turbilhão nasce, vive e morre. Sabe contornar os obstáculos, conhece a lei do mínimo esforço, reconhece as resistências, luta com elas e desgasta-se. Cansa-se no esforço e extingue-se. Simples princípios dinâmicos, mas levados até às portas da vida.

A comparação, todavia, serviu para mostrar que a Grande Lei Divina regula todo o Universo, inclusive, nossa vida como “seres” atualmente na fase humana.

O turbilhão está saturado de eletricidade, daquela eletricidade de que conheceis os poderes de análise e de síntese, a forma máxima de β , contígua a α ; a forma de energia que encontramos presente e fundamental nos fenômenos da vida. Ao morrer, o turbilhão restitui ao ambiente não apenas o material físico que o constitui, mas também sua energia interior, o motor do sistema, sua pequena alma rudimentar.

Atente-se para a expressão “pequena alma rudimentar”.

A indestrutibilidade da substância é universal. Como poderia, justamente na morte do animal e do homem, anular-se o princípio animador?

Eis aqui a afirmação da sobrevivência do Espírito vivente na fase animal.

Em outro livro afirmamos essa realidade com base principalmente em Leymarie e Bozzano.

Há quem estranhe a comunicação humana com seres desencarnados dessa categoria espiritual, mas “*essa é uma outra história*”, que refoge ao objetivo deste livro.

É absurdo, pois seria a anulação de todas as leis do universo. Ao evoluir, o princípio vorticoso se reforçará de tal modo que não se perderá com a morte, mas será reabsorvido no campo dinâmico do ambiente e sobreviverá, não só como substância, mas também como individualidade. Essa sobrevivência será cada vez mais evidente e decisiva, à proporção que o princípio evoluir, consolidar-se e espiritualizar-se, deslocando para seu interior seu centro cinético; sobrevivência que se reforça e se define cada vez mais, mediante infinitas gradações, desde as formas vegetais, animais e humanas e, desigualmente, nos diferentes tipos de homens mais ou menos adiantados, e além.

Para quem acha que tudo acaba com a morte corporal esse argumento talvez seja suficiente, caso não prefira continuar atrelado aos condicionamentos adquiridos e estratificados na Idade Média, quando pensar era crime punido com a fogueira ou a prisão.

Daí podemos dizer, desde logo, que a morte não é igual para todos, pois nem todos sobrevivem igualmente à morte física, mas com diferente poder de consciência, de acordo com o grau de a que tenha atingido.

Trata do nível de espiritualização, ou seja, de intensificação da própria essência luminosa, o que se consegue pelo exercício das virtudes, que se resumem no Amor Universal, tanto que Jesus falou: “*Brilhe a vossa luz*” e “*O Amor cobre a multidão dos pecados*”.

Uma última afinidade é encontrada no poder de cisão ou desdobramento dos turbilhões e de fusão de dois em um, fenômenos que, nos sistemas vorticosos eletrônicos, preludiam aquilo que será, mais tarde, a reprodução por cisão e a reprodução sexual.

Mais um tema para a reflexão sobre a caminhada evolutiva: a sexualidade, tão pouco conhecida na sua essência espiritual.

A propósito recomendamos a leitura do livro “*A Energia Vital Sublime sob a Ótica Espiritual*”, divulgado na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita, onde se mostra o primitivismo representado no relacionamento sexual sem a presença do Amor multimilenário que o justifique.

Os turbilhões podem fundir-se, desde que seus movimentos elementares não apresentem diferenças inconciliáveis de constituição cinética.

Todas essas observações vos mostram como, no turbilhão, podeis comprovar a existência de todas as características daquele sistema cinético vorticoso, o primeiro centro de origem eletrônica que gera a vida, e como ele já contém em germe as notas fundamentais do mundo biológico. Esse fato indiscutível constitui uma prova que não podeis recusar, da mesma natureza e da contiguidade evolutiva dos dois fenômenos afins: movimentos vorticosos e vida. Torna-se por isso evidente, também nesta prova, aquela íntima natureza cinética que lhe propicia a explicação mais profunda, tal como ocorreu relativamente aos fenômenos da matéria e da energia. Esta minha visão do problema biológico mostra-vos, também, como ele será colocado por mim e

desenvolvido. Ou seja, não como classificação botânica nem zoológica, mas como estudo da manifestação progressiva, descentralizadora do princípio da vida.

Em outras palavras, o que Ele disse, há dois milênios: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo que Eu faço e muito mais ainda.”

Meu pensamento caminha no âmago das coisas, aderente à substância dos fenômenos e quero mostrar-vos não a série das formas visíveis que já conheceis, e sobre as quais portanto é inútil demorar-me, mas o porquê delas, suas causas, as metas e o desenvolvimento interior do princípio cinético da Substância. Este princípio, embora transformando-se e ficando sempre idêntico a si mesmo, sabe tornar-se tudo no mundo dos últimos efeitos, acessível a vós. Somente desse modo serão solúveis muitos problemas psíquicos e espirituais, já que sua forma externa, a única que observais, jamais será suficiente para dar-vos a chave. Veremos, dessa maneira, pelo progresso da evolução, pela maturação dos fenômenos, pelo desenvolvimento dos sistemas cinéticos da Substância, a forma de espiritualizar-se e liberar-se, os envoltórios tornarem-se sutis e caírem.

A Substância é o Espírito, o qual, a partir de certo ponto, não necessita mais de nenhum envoltório, como se vê no referido livro de André Luiz:

“...tive notícias de amigos que perderam o veículo perispiritual, conquistando planos mais altos.”

Os princípios de ascensão espiritual das religiões serão demonstrados por um processo racional, com lógica materialista. As supremas realidades do espírito, que vos aproximam de Deus, serão atingidas por um caminho que

vos parecia imensamente longínquo: o da ciência objetiva.”

Todo esforço de compreensão da Verdade, seja através da Filosofia, da Ciência, da Arte ou da Religião, se realizado com honestidade e humildade, conduz à certeza da existência de Deus e do Espírito.

Apenas os orgulhosos e impenitentes veem o Acaso como originador do Universo e a vida dos denominados “*seres vivos*” como mero resultado do que chamam de “*matéria*”.

A má fé, a covardia moral e a petulância é que originaram o materialismo no coração e na mente de milhões de criaturas que se recusam a pensar seriamente sobre sua própria vida do dia a dia e sobre as chamadas “*abstrações*”.

Todavia, o livre arbítrio, conquista evolutiva de cada um, permite-lhe até duvidar de si próprio e de achar que acabará no túmulo.

A esses reserva-se a surpresa de se reconhecerem vivos depois da morte do corpo.

Tomara que tenham feito bem aos outros e tenham vivido segundo o Amor Universal, pois, em caso contrário, será triste o seu despertar no mundo dos Espíritos.

SEGUNDA PARTE

O MÉRITO

CAPÍTULO I
“FISIOLOGIA SUPRANORMAL —
HEREDITARIEDADE FISIOLÓGICA E
HEREDITARIEDADE PSÍQUICA”

Somente estes conceitos de vida psíquica podem guiar a ciência até às portas de uma ultrafisiologia, ou fisiologia do supranormal, como a vedes despontar nos fenômenos mediúnicos.

Depois de estudado o livre arbítrio, nada mais correto do que verificarmos as consequências das opções feitas a cada minuto da sequência evolutiva: então vem a questão do mérito, pois é justo que o Pai dê a cada filho ou filha o salário que ele ou ela fizeram por merecer.

Assim, estudemos estes dois capítulos com os olhos postos na questão do mérito, que é individual, intransferível, justamente para proporcionar a felicidade de “*chegar à Casa Paterna*” no retorno glorioso, simbolicamente lembrado na “*parábola do filho pródigo*”.

Não é sem razão que Allan Kardec, grande missionário de Jesus, afirmou que todos os “*seres*” humanos são médiuns, sendo, aliás, extensiva a outros “*seres*” ainda não viventes da fase humana, bem como aos Espíritos vivendo no mundo espiritual, mas “*esta é uma outra história*”.

Enquanto a Ciência terrena não reconhecer a realidade do Espírito, teremos uma Medicina capanga, uma Psicologia que procura identificar males através dos efeitos e não das causas, uma Justiça condenando e trancafiando em presídios homens e mulheres obsidiados e assim por diante.

Em palavras diretas, a mediunidade é simplesmente o exercício do poder mental, fazendo com que o que uns pensem e sintam passe ao conhecimento de outros “*seres*”: nada mais

do que isso, não importando se um está encarnado e o outro desencarnado ou ambos encarnados ou ambos desencarnados.

Aqui as relações entre matéria e espírito são imediatas: o psiquismo modela uma matéria protoplasmática mais evoluída e sutil: o ectoplasma.

Partamos direto para o caso de Chico Xavier: imagine-se a “*qualidade*” do ectoplasma por ele elaborado, decorrência natural do seu nível de evolução!

Concluiremos que não há duas pessoas com o mesmo “*tipo*” de ectoplasma.

Quanto mais evoluirmos espiritualmente, mas aperfeiçoada será essa secreção luminosa.

A nova construção, antecipação evolutiva, não possui, naturalmente, a resistência das formas que se estabilizaram por uma vida longa; seu desfazimento é rápido. As estradas novas e de exceção ainda são anormais e inseguras. Os produtos da fisiologia supranormal que emergem dos caminhos habituais da evolução, necessitam fixar-se, por tentativas e longas repetições, na forma estável. Tudo isso vos lembra o raio globular, retorno atávico de um passado superado. Ao invés, o ectoplasma é um pressentimento do futuro, corresponde àquele processo de desmaterialização da matéria, de que falamos. A matéria química do ectoplasma corresponde a uma avançada desmobilização dos sistemas atômicos em movimentos vorticosos, ao longo da escala de elementos, para pesos atômicos máximos. O fósforo (peso atômico 31), corpo sucedâneo, aceito apenas em doses moderadas no círculo da vida orgânica, é tomado aqui, no avançado movimento vorticoso, como corpo fundamental, ao lado do H (1), C

(12), N (14), e O (16). A plástica da matéria orgânica, por obra do psiquismo central diretor, torna-se cada vez mais imediata e evidente. Tudo isso vos explica a estrutura falha de muitas materializações espíritas, que suprem a incompleta formação de partes, com massas uniformes de substância ectoplasmática, com aparência de panos ou véus. Tudo revela a tentativa, o esforço, a imperfeição do que é novo. Isso vos faz compreender como o desenvolvimento do organismo, até à forma adulta, seja apenas uma construção ideoplástica, realizada pelo psiquismo central, através dos velhos e seguros caminhos tradicionais percorridos pela evolução.

Eis aí uma tentativa de explicar o que é o ectoplasma, mas o vocabulário terreno é insuficiente, tendo sido essa a maior dificuldade, aliás, daqueles Espíritos Superiores que orientaram Allan Kardec na elaboração dos livros do Pentateuco.

O que é o ectoplasma, afinal? – Os médiuns videntes podem ter uma ideia melhor do que o que se tente explicar em um livro inteiro, dedicado ao assunto, mas, assim mesmo, parcial, porque, como dito, cada pessoa é uma realidade diferente das outras pessoas.

A rede de fatos e concomitâncias restringe-se cada vez mais em torno deste inegável psiquismo. Só ele vos dá a chave do fenômeno da hereditariedade. Fenômeno inexplicável, se olhado apenas em seu aspecto orgânico, como o faz a ciência. Para ser compreendido, tem que completar-se com o conceito de uma hereditariedade psíquica. Como podem os órgãos, sujeitos a contínua renovação, até um final e definitivo desfazimento, conservar indefinidamente características estruturais e

transmitir aptidões pré-natais a outros organismos? Os registros no instinto — mesmo os mais importantes — ocorrem depois do período juvenil da reprodução, no indivíduo adulto, por vezes justamente na velhice (a máxima maturidade psíquica). Como podem, numa natureza tão previdente e econômica, justamente serem perdidas as melhores ocasiões? Ou não será que a hereditariedade segue outros caminhos, os psíquicos, pelos quais o material recolhido é confiado à sobrevivência do princípio espiritual, em lugar dos caminhos orgânicos da reprodução? Não vimos que esse era o nó que amarrava, numa explicação única, todos os fenômenos do instinto, da consciência, da evolução psíquica? Quem, senão o espírito imortal, pode manter o fio condutor que, através de um contínuo nascer e morrer de formas, dirige o desenvolvimento da evolução? Que fio, senão esse, saberia atingir as superiores construções da ética?

“Cada um herda de si mesmo” e, quanto ao organismo físico, cada corpo físico obedece a um planejamento realizado pelos especialistas do mundo espiritual, como explica André Luiz em obra específica.

Esse conceito de hereditariedade psíquica conduz à conclusão inevitável, já agora preparada por muitos fatos para poder ser negada, da sobrevivência de um princípio psíquico depois da morte, isso tanto no homem como nos seres inferiores, que não foram deserdados pela justiça divina — embora irmãos menores e de forma diferente — dos direitos da sobrevivência.

O que aconteceria com os vegetais, minerais e animais após a morte? André Luiz, por exemplo, em “Nosso Lar”,

“*Libertação*” e outros livros trata desse assunto, abordando detalhes muito esclarecedores.

Se o psiquismo já foi demonstrado como parte integrante dos fenômenos biológicos — como princípio ao qual são confiados os últimos produtos da vida e a continuidade do transformismo evolutivo, como unidade diretora de todas as suas formas sucessivas — é óbvio admitir que ele, tal como sobrevive à morte orgânica, deva preexistir ao nascimento. Esse equilíbrio de momentos contrários é necessário na harmonia de todos os fenômenos; na indestrutibilidade da substância, já demonstrada em todos os campos, tudo é continuação e retorno cíclico.

Eis aí a reencarnação, afirmada por Pitágoras, na Grécia antiga, em época remota da História da humanidade, o qual, segundo Montaigne, afirmava os personagens que tinha animado.

O universo não pode ser arritmico em nenhum ponto, nem em nenhum momento. Resulta, pois, absurdo o conceito de uma Divindade submetida à dependência de dois seres, cuja união deva aguardar, para ser obrigada, quando eles o queiram, ao trabalho da criação de uma alma. Não se pode conceder à criatura tal poder de decisão. No tempo ilimitado, que acúmulo de unidades espirituais através da vida! Onde se completaria o ciclo e se restabeleceria o equilíbrio?

A própria hereditariedade oferece-vos fenômenos doutro modo inexplicáveis. Sem este conceito, tudo se torna incompreensível e ilógico; com ele, tudo fica claro, justo, natural. Por vezes, os filhos superam os pais; os gênios nascem quase sempre de ancestrais medíocres. Como poderia o mais ser gerado pelo menos. Os

caracteres distintivos da personalidade exorbitam de cada hereditariedade, à qual vedes que estão confiadas mais as afinidades orgânicas que as psíquicas. Vimos a gênese do psiquismo, a formação do instinto, da consciência, problemas insolúveis de outra forma. Por que essas profundas desigualdades, inatas e indestrutíveis no indivíduo, qualidades próprias indelevelmente estampadas em sua face psíquica interior? Elas não vos revelam todo um caminho percorrido? Um passado vivido que não pode anular-se, nem fazer calar, ressurgir e grita: tal qual fui, tal sou. De tudo isso depende um destino de alegria ou dor, que demonstra um direito ou uma condenação. Uma criação nova, a partir do nada, teria que formar, por justiça divina, almas e destinos iguais. Não permitais que tantas condenações dolorosas — permitidas com justiça por Deus, porque queridas pelo ser livre e responsável — recaiam sobre a Divindade, como acusação de injustiça ou de inconsciência. Quantos absurdos éticos diante de uma alma, à qual, ao invés, deveria ensinar-se a subir moralmente!

Não excetuais o homem da lei cíclica, que rege todos os fenômenos. Um rio não pode criar-se para a fonte. Se esta não haurisse sempre do mar, por meio da evaporação e das chuvas, não haveria bastante água para alimentar seu eterno fluxo. Não criéis desproporções entre um átimo, vossa vida, e uma eternidade de consequências. Sabeis acaso o que é uma eternidade? É absurda, inconcebível, uma tão descomunal desproporção entre causa e efeito. Só o que não nasce é que não pode morrer; só o que não teve princípio pode sobreviver na eternidade. Se admitirdes um ponto de partida, tereis que

aceitar um equivalente ponto de chegada; se a alma nasce com o corpo, tem que morrer com o corpo. Esta lógica nos leva ao mais desesperador materialismo.

Não acrediteis, como tantas vezes o fazeis em vossas ilusões, que prêmio ou castigo, alegria ou dor, na eternidade da divina justiça, possam ser usurpados, como é de costume em vosso mundo. Tudo obedece a uma lei fatal de causalidade, uma lei íntima, invisível e inviolável, contra a qual nada pode a astúcia nem a prepotência. É lei matemática, exato cálculo de forças. Não há possibilidade de violação, em tão férrea entrosagem de fenômenos. Ninguém escapa às consequências de suas ações: o bem e o mal que se praticam, é para si mesmo que são praticados.

Façamos uma pausa, aqui, para reflexão: o Bem e o Mal são opções, que, uma vez disparadas, deve haver algo suficientemente forte para parar-lhes a trajetória, sendo que esse algo é a “vontade”, que deve ser forte o suficiente, nascida do fundo da alma, para, no caso do Mal, determinar o “retorno à Casa Paterna”.

Antes da hereditariedade orgânica, existe a hereditariedade psíquica. Esta comanda aquela e resume todas as vossas obras e determina vosso destino. Deus é justo, sempre. Não podeis culpar ninguém. Em qualquer caso é absurdo amaldiçoar. Em cada átimo é feito o balanço exato do dar e do haver, como culpas e méritos, como castigos e alegrias; a dor é sempre uma bênção de Deus porque, se não resgata nem purifica, se não paga o débito, sempre constrói, porque acumula crédito. É a lei da vida, oculta, inatingível, sempre presente e sábia.

Veja-se um detalhe importante: a consciência analisa-nos a cada “átimo”, sendo de observar-se que o que conta são as “intenções” e não os atos.

Atentemos para a expressão: “*Em cada átimo é feito o balanço exato do dar e do haver, como culpas e méritos, como castigos e alegrias...*”

Em outra parte do livro Jesus fala dessa forma, apenas que utilizando a expressão “*motivações*”.

Também devemos destacar a questão da dor, coisa que todos tendemos a temer, mas que, se não nos quitar as dívidas com a própria consciência, dão-nos créditos.

Jesus não teria querido falar em quem seria um exemplo dessa última hipótese, mas é Ele próprio, pois nunca errou na Sua trajetória evolutiva, enquanto que nós nos enquadrámos na outra hipótese: a da quitação dos nossos débitos.

Caem vossas barreiras e as defesas que ergueis em favor da injustiça. A justiça é a lei profunda que vos acompanha e sempre vos encontra na eternidade. Quantos dramas nestas palavras! Acima do parentesco de corpos, há um parentesco mais profundo com o vosso passado e com vossas obras que ressurgem em redor de vós, assediam-vos, erguem-vos ou vos abatem. Sois exatamente como vos construís; possuís, aparentemente concedidas pela natureza, as armas que vós mesmos fabricastes para vós e com elas enfrentais a vida, com ela a venceis. Movimentastes as causas que agora agem dentro e fora de vós. O presente é filho do passado; o futuro é filho do presente. Não culpeis ninguém. A gênese de uma vida não pode ser o efeito de um egoísmo a dois, que agem em dano de um terceiro, impossibilitado de dar opinião. Como podeis acreditar que uma vida de alegria

ou dor, tal qual dependeria a fixação de um estado definitivo por toda a eternidade, fosse deixada à mercê de um fato accidental, realizado sem consciência de suas consequências? Um fato tão substancial como é a vida e a dor de um homem, num organismo universal em que tudo é tão exato e justamente querido e previsto, como pode ser abandonado assim, fora da lei, no momento decisivo de sua gênese, que tem efeitos colossais? Não vedes o absurdo desse conceito? Como podeis crer que na imensa ordem soberana possa haver lugar para a loucura e a maldição, para a inconsciência e para a usurpação? E que se possam semear, assim ao acaso, por irresponsáveis, as causas da dor?

Não sentistes vossa personalidade, que grita “eu”, acima de qualquer vínculo e afinidade? A hereditariedade é acima de tudo psíquica, essa é de vós mesmos, individual, preparada por vós e assim desejada. A hereditariedade fisiológica é uma hereditariedade secundária, dependente daquela, de consequências limitadas porque inerentes a um organismo que, para vós, é apenas o veículo da viagem terrena que amanhã abandonareis. O parentesco familiar é parentesco orgânico, de formas, de tipos; nesse vaso desceu vosso espírito, não por acaso, mas por lei de afinidade. A fusão é completa numa unidade que, mesmo conservando os caracteres da raça e da família, transcende-os, muitas vezes, inconfundivelmente como personalidade psíquica. Vêm daí as semelhanças e ao mesmo tempo, tantas diferenças. Os genitores vos dão o germe da vida física; protegem-lhe o desenvolvimento, paralelamente ao da vida psíquica, descida do céu, e confiada a eles. Respeitai

e amai seu grande trabalho. Nas horas frágeis da juventude, vossa alma eterna está em suas mãos; e tremei se sois vós os genitores, ao refletir que sois escolhidos como colaboradores no trabalho divino da construção de almas.

Se a vida psíquica não é filha direta dos pais, tem parentesco com eles pelas vias da afinidade, que a chama e atrai para determinado ambiente. Nada é confiado ao acaso. Muitas vezes a alma escolhe o lugar e o tempo, prevendo as provas que tem que vencer, mas quando ainda não atingiu essa consciência e ainda não sabe ser livre, então seu peso específico — que resulta do grau de sua destilação espiritual — as atrações e repulsões pelas coisas da terra e a natureza do tipo que constituiu, guiam-na automaticamente, para um espontâneo equilíbrio de forças em seu elemento, único no qual pode viver e trabalhar, do mesmo modo que tudo se equilibra no universo, do átomo às estrelas.

Analisemos, aqui, a questão da gratidão aos nossos pais terrenos, que, só de nos darem a oportunidade de uma reencarnação, já nos prestaram um grande benefício, como também a responsabilidade que temos na paternidade ou na maternidade em relação àqueles que estão sob a nossa influência educativa.

CAPÍTULO II

“O ESTADO E SUA EVOLUÇÃO”

Assim a Lei reconstrói na história os equilíbrios violados e guia os acontecimentos acima da vontade dos dirigentes e dirigidos.

Atentemos para este detalhe: no caso do Brasil, por exemplo, que desenvolveu sua economia sobre os ombros da mão de obra escrava pesa, coletivamente falando, o carma de certas dificuldades, que a Justiça Divina não pode deixar passar em branco.

Assim, atinemos para certas dificuldades que o país terá de encarar de frente, como a pobreza, a falta de instrução de grande parte da população, a marginalidade etc. etc.

A Grande Lei Divina considera tudo isso e o Divino Mestre ensina, agora, claramente, em “A Grande Síntese”: *“Não acrediteis, como tantas vezes o fazeis em vossas ilusões, que prêmio ou castigo, alegria ou dor, na eternidade da divina justiça, possam ser usurpados, como é de costume em vosso mundo. Tudo obedece a uma lei fatal de causalidade, uma lei íntima, invisível e inviolável, contra a qual nada pode a astúcia nem a prepotência. É lei matemática, exato cálculo de forças. Não há possibilidade de violação, em tão férrea entrosagem de fenômenos. Ninguém escapa às consequências de suas ações: o bem e o mal que se praticam, é para si mesmo que são praticados.”*

A História não é resultado do Acaso, nem da deliberação dos chamados “líderes”, mas sim o que está adequado à Lei de Causa e Efeito, mas, principalmente, no caso da Terra, o planejamento de Jesus, como seu Sublime Governador.

A leitura de dois livros psicografados por Chico Xavier: “A Caminho da Luz”, ditado por Emmanuel, e “Brasil,

Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, ditado por Humberto de Campos, mostra essa realidade.

Ao contrário do que ingenuamente se acreditava até a um tempo atrás e que, infelizmente, grande parte da humanidade ainda tem como certo, Jesus não está distante dos acontecimentos terrenos, mas se faz atuante nos mínimos detalhes do planejamento da evolução dos “seres” que habitam este planeta, não apenas daqueles que vivenciam a fase humana, mas todos os outros a que nos referimos linhas atrás.

Sua Governança, portanto, não se restringe aos problemas humanos, mas aos de toda a Natureza: entendamos isso e respeitemos os nossos irmãos e irmãs das faixas evolutivas “inferiores”, se não quisermos, pelo mau exercício do livre arbítrio, prejudicá-los e, depois, ter de pagar por isso.

A história caminha sem jamais parar. Cada século produz, elabora, assimila um conceito e o entrega realizado — patrimônio hereditário que se acumula — ao século seguinte, que se preparará para novas criações. Cada época tem sua função criativa; os outros aspectos da vida, entretanto, calam-se e esperam. Dessa forma, a Idade Média, entre violências e paixões, terrores satânicos e visões místicas, aguardava a construção da sua consciência do bem e do mal: um tormento de alma, para reencontrar a voz de Deus; um esforço, acompanhado do tormento de uma dor coletiva opressora, a fim de realizar o sonho da libertação individual. Titânica ebulição de almas, a Idade Média, no campo da arte, da política, da ciência, lançava a semente das maiores construções espirituais.

A Idade Média significou, como assevera Emmanuel, o reencontro dos europeus com a simplicidade do campo e outras virtudes, depois dos descaminhos vividos principalmente no Império Romano.

Todavia, trouxe, por outro lado, determinados condicionamentos negativos, dos quais muitos de nós não conseguiram se libertar, como o medo de estudar as verdades espirituais, pois que, naquele período, quem isso fizesse encontraria a fogueira ou as celas pútridas como castigo.

Allan Kardec mesmo, quando encarnado como Jan Hus, foi condenado à morte na fogueira, por ter questionado as imoralidades cometidas pela Igreja Romana em nome do Cristo.

Libertemo-nos do medo de olhar a Verdade de frente e propagá-la, como Jesus recomendou: “Colocai a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”

Vosso século esqueceu o espírito, a fim de criar ciência, mecânica e velocidade, que fundamentaram vossa psicologia.

A Ciência atual esqueceu-se de Deus, sendo que, antes, consagrava a realidade dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar, mas, com o materialismo, passou-se a acreditar apenas no que os cientistas materialistas têm como verdade, ou seja, o Nada, ou melhor, a matéria, considerada como única realidade.

Qual não foi o esforço de Einstein e outros missionários do Cristo para provarem que a matéria é simplesmente “energia” e, mesmo assim, desconsideraram as falas e experiências demonstrativas dos cientistas do século XIX, que afirmaram indubitavelmente que o Espírito existe, sobrevive à

morte do corpo, passa por inúmeras reencarnações, evolui etc. etc.

A Ciência do século XX deu muito conforto material às pessoas do chamado mundo “civilizado”, mas violentou a Natureza, provocando um estado de coisas que redundou nas duas Grandes Guerras, num estilo de vida antinatural e no surgimento de muitas doenças e, principalmente, nas verdadeiras pandemias de males psíquicos, tudo direcionado pelas Trevas, ou seja, os Espíritos dedicados ao Mal, que, como diz André Luiz, no seu livro “*Libertação*”, tentam impedir a evolução espiritual dos habitantes da Terra.

Vejamos algumas das citações dessa preciosa obra:

“Um reino espiritual, dividido e atormentado, cerca a experiência humana, em todas as direções, tentando dilatar o domínio permanente da tirania e da força.”

“Incapacitados de prosseguir além do túmulo, a caminho do Céu que não souberam conquistar, os filhos do desespero organizam-se em vastas colônias de ódio e miséria moral, disputando, entre si, a dominação da Terra.”

“O inferno, por isto mesmo, é um problema de direção espiritual. Satã é a inteligência perversa - O mal é o desperdício do tempo ou o emprego da energia em sentido contrário aos propósitos do Senhor.

O sofrimento é reparação ou ensinamento renovador.

Misturam-se à multidão terrestre, exercem atuação singular sobre inúmeros lares e administrações e o interesse fundamental das mais poderosas inteligências, dentre elas, é a conservação do mundo ofuscado e distraído, à força da ignorância defendida e do egoísmo recalcado, adiando-se o Reino de Deus, entre os homens, indefinidamente...”

“O objetivo essencial de tais exércitos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob seu jugo tirânico.”

A Ciência materialista, se, por um lado, trouxe certos benefícios, afastou a humanidade encarnada de Deus e da Natureza.

Saibamos *“separar o joio do trigo”*, no caso, extrair dela o que tem de bom, mas não acreditemos em tudo que seus arautos dizem, pois, sem crerem em Deus e desprezando as Leis da Natureza, muito do que dizem contraria as regras básicas de Saúde, Educação etc. etc.

Recomendamos a leitura, a respeito, de dois livros: *“A Mãe Natureza”* e *“A Noite e o Espírito Humano”*, divulgados na Internet em luizguilhermemarques.com.br e na Biblioteca Virtual Espírita.

Depressa essas coisas estarão conquistadas e, mesmo utilizando-as, a consciência dirigir-se-á, por meios mais poderosos, para construções mais elevadas de espírito em todos os campos. As leis da vida, adormecidas por milênios num ritmo uniforme, sofreram uma sacudidela e hoje estão despertas para lançar-vos à civilização do terceiro milênio.

No Terceiro Milênio a Terra ingressará na categoria de mundo de regeneração, mas, para tanto, é necessário que os Espíritos renitentes no Mal sejam degredados para mundos inferiores, compatíveis com sua índole, bem como os que aqui ficarem façam sua opção pelo Bem, utilizando seu livre arbítrio da melhor forma possível, portanto, assim adquirindo mérito para viver neste planeta, cujos referenciais éticos serão aqueles que Jesus ensinou há dois milênios: Amor a Deus, Auto Amor (intenção de evoluir intelecto-moralmente) e Amor Universal.

Como a Revolução Francesa, momento crítico e longamente preparado nos séculos, concretizou à luz da existência histórica a subida da burguesia produtiva, assim a futura revolução maior da humanidade, filha de uma maturação substancial biológica, trará à luz a subida política da intelectualidade consciente. Não compreendo como intelectualidade aquela miscelânea mental entulhada, cultura moderna, fato externo que não proporciona virtude à personalidade, mas entendo-a como uma maturação de raça construtora de instintos mais altos, que tornem o homem um ser escolhido pela seleção, para função social do mando. A esta função de governo estará agregada, por qualidades inconfundíveis de raça e não por superposição de cultura e de títulos, uma elite insubstituível, tal como na natureza nenhuma célula de tecido muscular poderá substituir a célula à qual foram confiadas funções nervosas cerebrais.

A base biológica da divisão do trabalho por especialização de capacidade é a única que pode justificar o conceito do futuro estado orgânico, diferenciado nas unidades compactas em sua fusão, expressão viva do organismo biológico coletivo. Estado, em sentido colaboracionista, em que, além das funções econômicas e produtivas, acrescentam-se todas as funções sociais e éticas. A esta substância biológica temos sempre que nos referir todas as vezes que quisermos compreender o fenômeno político; não construções ideológicas, mas a realidade da vida em suas mais profundas raízes, que se enxertam na fenomenologia universal, seu fundamento indestrutível.

A Tríade a que Jesus tinha se referido quando da Sua Encarnação é o distintivo daqueles que assumirão o comando, bem explicado, não através de cargos, destaques aparentes, mas a liderança espontânea, baseada no “*poder mental no Bem*”, em personalidades como Chico Xavier, Sathya Sai Baba, Amma etc.

Se a Idade Média, em suas condições sociais involuídas, só podia oferecer ao homem um sonho de libertação individual pelos caminhos da renúncia mística, hoje nasceu o Estado. A sociedade constituiu-se de forma orgânica, e no seu seio o indivíduo pode atingir toda sua realização. Se a Idade Média atendeu às construções prevalentemente individuais, retoma-se, hoje, o ciclo das construções e conquistas coletivas. Não se concebe mais o indivíduo isolado, mesmo se for santo, numa fuga mística da companhia humana, mas o indivíduo fundido nela em colaboração fecunda. Hoje, podemos definir mais exatamente o poder central, como central psíquica e volitiva de uma nação, e estender o conceito de Estado a todo o organismo nacional.

Esse texto foi ditado antes da Segunda Guerra Mundial, portanto, dentro de um contexto diferente do atual.

Hoje já traria, na certa, outras noções mais avançadas, introduzindo parâmetros do mundo de regeneração às cujas portas estamos.

Em sua evolução, o conceito de Estado nasceu do poder monárquico absoluto, tipo Luís XIV. Na longa luta feudal, uma família venceu, primeiro submetendo as outras, depois assimilando-as. Realizado o esforço da concentração do poder, antes espalhado sem coesão em mil ramificações, dando o surgimento de um órgão

central numa vasta coletividade, este não podia, por sucessão natural de impulsos, deixar de elaborar logo o conceito de Estado na evolução das Monarquias que, nessa elaboração, esgotavam sua função histórica. O Estado tornou-se, por seu mérito, sempre mais orgânico, progressivo em profundidade, não para limitar o indivíduo, mas para valorizá-lo e elevar-lhe a consciência; tornou-se cada vez mais rico de funções e de deveres, até a hodierna concepção de Estado.

Na nova realidade que se inaugura não haverá mais pobreza, falta de trabalho, falta de escolas etc. etc., mas, por outro lado, não haverá mais preguiçosos, usurários, egoístas ou corruptos, porque haverá a “separação do joio do trigo”.

Chico Xavier informa que Jesus marcou a data limite para o ano de 2019 [1], conforme Nota ao final deste nosso estudo.

Hoje, o Estado não é mais apenas um poder central superposto a um povo. Esse era o Estado embrionário, filho da monarquia. Não mais se admitem essas superposições. Portanto, o Estado não é mais apenas um poder central dominador, mas é o cérebro de seu povo e só pode ser expressão de uma consciência nacional, de uma unidade de espíritos, baseada numa unidade ética. Se as unidades primordiais da matéria já atingiram tão perfeita e maravilhosa organização ao se aglomerarem nas unidades coletivas dos cristais (orientação molecular, gênese e acréscimo proveniente de um germe cristalino, reparação das zonas mutiladas e reconstrução exata da forma individual); se tanto psiquismo já explode na matéria, fundindo as moléculas em unidades orgânicas, imaginai a perfeição que terá de atingir o mesmo

princípio, que maravilhosa complexidade de formas o mesmo psiquismo terá de produzir, elevado depois de tão longo caminho evolutivo à consciência social, ao expandir finalmente seu impulso na criação das superiores unidades coletivas humanas. Por esse caminho o Estado prosseguirá em sua evolução, absorvendo e organizando, não apenas representando um povo inteiro, num progressivo processo de descentralização e concentração, de contatos cada vez mais intensos entre periferia e centro. Com isso, a autoridade não se pulveriza, mas o povo funde-se nela, numa correnteza de fluxos e refluxos, que o torna cada vez mais um organismo a funcionar, consciente e compacto.

Nossa concepção biológica dos fenômenos sociais e nossa concepção evolucionista do Estado nos levaram, naturalmente, a esta visão atual de um Estado cada vez mais unitário e, assim, fica logicamente colocado no quadro da fenomenologia universal, no caminho da evolução coletiva para o ápice da fase α . Solicitei à realidade biológica que me desse as linhas do ideal social. Essa realidade vos reafirma, em toda a parte e sempre, que o princípio e a vontade da Lei são: trabalho-função e divisão, especialização e reorganização de capacidades e de atividades. Observai que fundamentos universais foram dados aqui a esse conceito de Estado. Nenhum sistema político jamais soube justificar-se mediante uma filosofia científica que retomasse à gênese da matéria, da energia e da vida. Conclusões espontâneas, encarceradas numa jaula de racionalidade, necessárias num organismo

de conceitos e de fatos, tal como são o universo e esta Síntese que o descreve.

Hoje, o Estado nasceu. Não podiam denominar-se assim os velhos organismos políticos, baseados na superposição de classes até o absurdo, inadmissível, de um domínio estrangeiro. Hoje, um povo não é um domínio, mas um organismo cuja alma é o Estado. Esta é a etapa hodierna das unificações dos indivíduos em coletividades, que progridem da família à classe, à nação, à humanidade. Para chegar-se a saber viver como unidades coletivas superiores, é necessário passar pelas unificações componentes menores, vivendo-as através de uma maturação gradativa e consciente. Portanto, são absurdos os internacionalismos abstratos, quando o mundo ainda trabalha para encontrar suas unidades étnicas menores e sua criação atual, antes ignorada. A formação progride por continuidade, já que uma unidade coletiva não é mero agregado regido por pressões de leis; para resistir ao choque do tempo, tem de ser um organismo regido por uma consciência coletiva, fusão de almas, e só pode operar após longa maturação; uma unidade só se mantém na medida em que se tenha formado e enquanto a ela corresponda outra íntima unidade psíquica que a mantenha coesa. Uma nação é simplesmente a veste externa de um psiquismo coletivo, a forma biológica desta unidade espiritual superior.

Hoje, o Estado só pode ser povo, povo só pode existir organizado em Estado. A progressão das unidades e consciências dirigentes continuará a dilatar-se na evolução, até uma unidade e consciência que abarquem toda a humanidade, e daí a uma unidade e consciência

cósmica que compreenda todo o universo. A luta é esforço de transição que cessa ao atingir-se a meta, a unificação mais elevada. Esta é a tendência constante, o significado das grandes tentativas históricas da formação dos impérios. Política, científica e espiritualmente, o ser busca a unidade.

Também o campo político é campo de verdades relativas e progressivas; o conceito de Estado está em contínuo devenir, tanto quanto um povo é uma unidade em contínua evolução. Cada geração vive um momento do gradativo desenvolvimento da verdade política do próprio povo, como por momentos sucessivos vive sua verdade artística, científica, ética e religiosa. Só hoje se pode falar em Estado. Para chegar aí, a jornada foi longa. Trata-se de uma maturação biológica, longamente elaborada, mesmo que tenha explodido em revoluções. A unidade coletiva expressou-se desde as origens em seu poder central, pelo método da seleção biológica. Assim, criado esse centro, progressivamente disciplinou-lhe os poderes. Primeiramente, a coação, ou seja, o arbítrio de um vencedor; depois a convenção, ou seja, o arbítrio das maiorias; finalmente, hoje, a função coletiva, isto é, a justiça. Essas são as etapas evolutivas do princípio da atribuição de poderes.

Mais minunciosamente, temos, no princípio, um poder absoluto subdividido, como no feudalismo; depois, um poder absoluto, concentrado nas mãos do mais forte (monarquia), vencedor de uma classe inteira, mais tarde domesticada e convertida nas cortes (classe aristocrática). O centro ainda se ressentia das origens familiares, o cabeça era dominador de consanguíneos e o poder

hereditário. Isto demonstra que o poder nasceu na família, nas mãos do chefe, e a família é o instituto basilar da sociedade humana. Nesta fase, o poder é conquista, a função dirigente atravessa a fase de luta, própria das formações, correspondente à da força, ainda não elevada a direito e justiça. Estamos na perfeição da monarquia absoluta, do Roi Soleil, que dizia: “L’État c’est moi” (“Eu sou o Estado”). Meio século de abusos com Luís XV e, com Luís XVI, o sistema desaba. Como todos os fenômenos, também o político procede por amadurecimento de ciclos. A revolução reage com um poder absoluto confiado às maiorias. O rei era o povo. Foi chamado de poder representativo, democrático; passava do máximo de concentração ao máximo de descentralização.

Assim caminhava a evolução do mando por excessos e reações corretivas extremas, com tendência constante ao abuso, porque o homem ainda não evoluíra, a causa não se aperfeiçoara; avançava por uma série de enérgicos contragolpes, porque a lei de equilíbrio impunha a necessidade de uma correção contínua. Num estado de inconsciência que gerava abuso e excesso, a evolução não podia caminhar senão oscilando entre impulsos e contra impulsos. O conceito de soberania popular nascia como reação ao abuso da soberania de um só. Mas, substancialmente, ao arbítrio de um só, sucedeu o arbítrio das multidões.

Acredita-se sempre somente nas mudanças de sistemas e não se vê que a substância que decide é a maturação do homem. A revolução francesa iniciou o povo na difícil arte do mando, mas desde os primeiros

momentos o povo demonstrou-se incompetente e inconsciente, excedendo-se nos piores abusos. O poder requer a mais alta maturidade de consciência; é uma grande força, perigosa nas mãos de uma criança. Mas desde esse momento, o povo começou a estudar a nova arte e a resolver o novo problema. Assim, abuso e reação amortizar-se-ão gradativamente e será conquistada a substância, conteúdo de todas essas mudanças: a consciência coletiva, a formação do Eu na unidade social. Só nesse sentido, isto é, o de ser o seu exercício um instrumento de formação de consciência, o poder representativo não podia ser um absurdo em sua alvorada, porque presume uma consciência coletiva que então estava justamente a formar-se, efeito do trabalho do Estado, não causa de sua construção. Mas, como vimos, função e órgão apoiam-se, criando-se reciprocamente. Aconteceu, então, que, pelo mesmo princípio de correção do abuso, pelo qual o sistema representativo tinha corrigido o poder monárquico absoluto, um novo poder centralizador corrigiu os abusos do poder representativo. A infertilidade da descentralização levou novamente à centralização. Assim, oligarquias e democracias se alternam e se compensam mutuamente.

Mas essa oscilação entre os dois extremos não tem, apenas, a função de restabelecer o equilíbrio da Lei; é a técnica evolutiva, na qual o homem é trabalhado como material político constitutivo. Esse alternar-se de sistemas não é simples compensação de contrários, mas um escorar-se de impulsos e contra impulsos; é um jogo de forças, de cujo contraste surge um progresso íntimo. A eliminação do arbítrio é obtido não só por controles

externos, mas sobretudo por amadurecimento de consciências. Como pode ser mais moderada a oligarquia, depois de um século de experiência democrática! Como aprendeu a executar civilizadamente as revoluções, a inclinar-se para o povo, a reencontrar, em sua elevação, a própria função justificadora! Com quanta maturidade se poderá voltar à democracia, quando a oligarquia tiver cumprido sua função de formar a consciência de um povo! A que distância se encontrará esse povo daquele que começava sua vida política com a Revolução Francesa! Como o contragolpe será mais civilizado e fecundo, num povo que, por merecimento de um poder centralizado, foi educado para saber eleger e governar, para saber evoluir nas concepções sociais! Essa é a evolução política da unidade coletiva, paralela à evolução em todos os campos.

Detenhamo-nos na concepção do Estado futuro, depois de tê-lo orientado assim no tempo e em seu transformismo ascensional. Concepção nova e ousada, base, no campo social, da nova civilização do terceiro milênio. Estado democrático e aristocrático ao mesmo tempo, ele representará a fusão dos dois princípios de concentração e descentralização, ambos necessários. Em sua função unitária, criará uma coletividade mais compacta, em cujo seio o indivíduo não será mais um membro desordenado de um rebanho desordenado, mas será soldado de um exército em marcha, em que vibrará a alma do chefe. Pela primeira vez na história, o Estado fará do povo um organismo, em cujo centro, fundido com ele, far-se-á síntese de vontades e de poderes. No Estado futuro o povo não será mais um rebanho governado, que

só deve dar e obedecer, mas será o corpo do cérebro central (o governo); o organismo da alma que dirigirá, que por toda parte o penetrará e vivificará com seus tentáculos e ramificações nervosas. Não mais um chefe, nem uma classe, nem uma maioria que mandará por si só, mas uma doação de deveres na cooperação, uma fusão completa num trabalho e num objetivo comuns. Sem dúvida que historicamente fixou-se na alma das massas, por hábito milenar, uma indiferença pelo poder central, mutável e ausente, mas invariavelmente senhor, diante do qual o povo tinha de ficar sempre igualmente inclinado na posição de servo. Formou-se, assim, um instinto de aquiescência passiva, de tolerância e desinteresse, como por uma coisa que não lhe diz respeito, que só age para pesar sobre o povo, educado apenas para a virtude de sofrer e calar. O Estado moderno tem de começar pelo trabalho de demolição desta psicologia de absenteísmo político, que se fixou na alma coletiva. Pensai que cada concepção e realização política não constitui jamais a última meta definitivamente alcançada, mas que, por ser a síntese de todo o passado, é também o germe de um futuro ilimitado.

Deixamos para comentar apenas ao final, pois, como dito, “*A Grande Síntese*” é obra de quase um século atrás, sendo que, até agora, ainda o Estado é caracterizado pela corrupção, pelas desigualdades sociais, pela violência instituída contra os próprios cidadãos, pela frieza e até crueldade na aplicação da Justiça, pelo autoritarismo da maioria dos governantes, mas os dias desse tipo de Estado estão contados, bem como daqueles “*seres*” humanos ricos ou pobres, instruídos ou incultos, vinculados ao Mal, pois aproxima-se o momento em que o Bem passará a reinar na

**Terra e Jesus não mais dirá: “*Meu Reino não é deste mundo*”
e na Terra somente permanecerão os bem aventurados!**

NOTA

[1]

“No Jornal Folha Espírita de Maio de 2011 (nº439), sob autoria de Marlene Nobre, foi publicada a entrevista feita em 1986 com Chico Xavier por Geraldo Lemos Neto, fundador da casa de Chico Xavier em Pedro Leopoldo (MG), onde Chico faz revelações a respeito do futuro de nosso planeta. Será mera coincidência ou o caminho que nos esta sendo ensinado faz parte deste processo? Eu os convido a leitura.

“ O tema da transformação da Terra de mundo de expiação e provas para mundo de regeneração, levantado pelo próprio codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, sempre interessou e intrigou Geraldo Lemos Neto, fundador da Casa de Chico Xavier, de Pedro Leopoldo (MG).

Em 1984 Lemos Neto casou-se com Eliana, irmã de Vivaldo da Cunha Borges, que morava com Chico Xavier desde 1968 e diagramava todos os seus livros. A partir de então, passou a desfrutar de uma intimidade maior com Chico em Uberaba, visitando-o com mais frequência e hospedando-se em sua residência. “Posso dizer que essa época foi para meu coração um verdadeiro tesouro dos céus. Recordo-me até hoje daqueles anos de convivência amorosa e instrutiva na companhia do sábio médium e amigo com profunda gratidão a Deus, que me permitiu semelhante concessão por acréscimo de Sua Misericórdia Infinita. Assim, tive a felicidade de conviver na intimidade com Chico Xavier, dialogando com ele vezes sem conta, madrugada a dentro, sobre variados assuntos de nossos interesses comuns, notadamente sobre esclarecimentos palpitantes acerca da Doutrina dos Espíritos e do Evangelho de Jesus”, recorda.

Um desses temas, como lembra Lemos Neto, foi em relação ao Apocalipse, do Novo Testamento. “Sempre me assombrei com o tema, relatando a Chico Xavier minha dificuldade de entender o livro sagrado escrito pela mediunidade de João Evangelista. Desde então, em nossos colóquios, Chico Xavier tinha sempre uma ou outra palavra esclarecedora sobre o assunto, pontuando esse ou aquele versículo e fazendo-me compreender, aos poucos, o momento de transição pelo qual passa o nosso orbe planetário, a caminho da regeneração”, afirma. Foi em uma dessas conversas habituais, lembrando o livro de sua psicografia, Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho, escrito pelo espírito Humberto de Campos, que Lemos Neto externou ao médium sua dúvida quanto ao título do livro, uma vez que ainda naquela ocasião, em meados da década de 80, o Brasil vivia às voltas com a hiperinflação, a miséria, a fome, as grandes disparidades sociais, o descontrole político e econômico, sem falar nos escândalos de corrupção e no atraso cultural.

“Lembro-me, como hoje, a expressão surpresa do Chico me respondendo: ‘Ora, Geraldinho, você está querendo privilégios para a Pátria do Evangelho, quando o fundador do Evangelho, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, viveu na pobreza, cercado de doentes e necessitados de toda ordem, experimentou toda a sorte de vicissitudes e perseguições para ser supliciado quase abandonado pelos seus amigos mais próximos e morrer crucificado entre dois ladrões? Não nos esqueçamos de que o fundador do Evangelho atravessou toda sorte de provações, padeceu o martírio da cruz, mas depois ele largou a cruz e ressuscitou para a Vida Imortal! Isso deve servir de roteiro para a Pátria do Evangelho. Um dia haveremos de ressuscitar das cinzas de nosso próprio sacrifício para demonstrar ao mundo inteiro a imortalidade gloriosa!’”, esclareceu.

Sobre essas e outras revelações feitas a ele por Chico Xavier sobre fatos relacionados ao ano em que se dará a grande transformação do nosso planeta, Lemos Neto fala mais abaixo:

Olhar Espírita – No livro A Caminho da Luz, nosso benfeitor Emmanuel já havia previsto que no século XX haveria mais uma reunião dos Espíritos Puros e Eleitos do Senhor, a fim de decidirem quanto aos destinos da Terra. A reunião aconteceu e a ela compareceram Chico e Emmanuel – os missionários que trabalham abnegadamente, por séculos a fio, em favor da renovação humana. Quais os resultados dessa reunião?

Geraldo Lemos Neto – Na sequência da nossa conversa, perguntei ao Chico o que ele queria exatamente dizer a respeito do sacrifício do Brasil. Estaria ele a prever o futuro de nossa nação e do mundo? Chico pensou um pouco, como se estivesse vislumbrando cenas distantes e, depois de algum tempo, retornou para dizer-nos:

“Você se lembra, Geraldinho, do livro de Emmanuel A Caminho da Luz? Nas páginas finais da narrativa de nosso benfeitor, no capítulo XXIV, cujo título é O Espiritismo e as Grandes Transições? Nele, Emmanuel afirmara que os espíritos abnegados e esclarecidos falavam de uma nova reunião da comunidade das potências angélicas do Sistema Solar, da qual é Jesus um dos membros divinos, e que a sociedade celeste se reuniria pela terceira vez na atmosfera terrestre, desde que o Cristo recebeu a sagrada missão de redimir a nossa humanidade, para, enfim, decidir novamente sobre os destinos do nosso mundo. Pois então, Emmanuel escreveu isso nos idos de 1938 e estou informado que essa reunião de fato já ocorreu. Ela se deu quando o homem finalmente ingressou na comunidade planetária, deixando o solo do mundo terrestre para pisar pela primeira vez o solo lunar. O homem, por seu próprio

esforço, conquistou o direito e a possibilidade de viajar até a Lua, fato que se materializou em 20 de julho de 1969. Naquela ocasião, o Governador Espiritual da Terra, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, ouvindo o apelo de outros seres angelicais de nosso Sistema Solar, convocara uma reunião destinada a deliberar sobre o futuro de nosso planeta. O que posso lhe dizer, Geraldinho, é que depois de muitos diálogos e debates entre eles foram dadas diversas sugestões e, ao final do celeste conclave, a bondade de Jesus decidiu conceder uma última chance à comunidade terráquea, uma última moratória para a atual civilização no planeta Terra. Todas as injunções cármicas previstas para acontecerem ao final do século XX foram então suspensas, pela Misericórdia dos Céus, para que o nosso mundo tivesse uma última chance de progresso moral. O curioso é que nós vamos reconhecer nos Evangelhos e no Apocalipse exatamente este período atual, em que estamos vivendo, como a undécima hora ou a hora derradeira, ou mesmo a chamada última hora.”

FE – Como você reagiu diante da descrição do que acontecera nessa reunião nas Altas Esferas?

Geraldinho – Extremamente curioso com o desenrolar do relato de Chico Xavier, perguntei-lhe sobre qual fora então as deliberações de Jesus, e ele me respondeu: “Nosso Senhor deliberou conceder uma moratória de 50 anos à sociedade terrena, a iniciar-se em 20 de julho de 1969, e, portanto, a findar-se em julho de 2019. Ordenou Jesus, então, que seus emissários celestes se empenhassem mais diretamente na manutenção da paz entre os povos e as nações terrestres, com a finalidade de colaborar para que nós ingressássemos mais rapidamente na comunidade planetária do Sistema Solar, como um mundo mais regenerado, ao final desse período. Algumas potências angélicas de outros orbes de nosso Sistema Solar recearam a dilação do prazo extra, e foi então que

Jesus, em sua sabedoria, resolveu estabelecer uma condição para os homens e as nações da vanguarda terrestre. Segundo a imposição do Cristo, as nações mais desenvolvidas e responsáveis da Terra deveriam aprender a se suportarem umas às outras, respeitando as diferenças entre si, abstendo-se de se lançarem a uma guerra de extermínio nuclear. A face da Terra deveria evitar a todo custo a chamada III Guerra Mundial. Segundo a deliberação do Cristo, se e somente se as nações terrenas, durante este período de 50 anos, aprendessem a arte do bom convívio e da fraternidade, evitando uma guerra de destruição nuclear, o mundo terrestre estaria enfim admitido na comunidade planetária do Sistema Solar como um mundo em regeneração. Nenhum de nós pode prever, Geraldinho, os avanços que se darão a partir dessa data de julho de 2019, se apenas soubermos defender a paz entre nossas nações mais desenvolvidas e cultas!”.

FE – Quais são os acontecimentos que podemos prever com essas revelações para a Terra?

Geraldinho – Perguntei, então, ao Chico a que avanços ele se referia e ele me respondeu: “Nós alcançaremos a solução para todos os problemas de ordem social, como a solução para a pobreza e a fome que estarão extintas; teremos a descoberta da cura de todas as doenças do corpo físico pela manipulação genética nos avanços da Medicina; o homem terrestre terá amplo e total acesso à informação e à cultura, que se fará mais generalizada; também os nossos irmãos de outros planetas mais evoluídos terão a permissão expressa de Jesus para se nos apresentarem abertamente, colaborando conosco e oferecendo-nos tecnologias novas, até então inimagináveis ao nosso atual estágio de desenvolvimento científico; haveremos de fabricar aparelhos que nos facilitarão o contato com as esferas desencarnadas, possibilitando a nossa saudosa conversa com os entes

queridos que já partiram para o além-túmulo; enfim estaríamos diante de um mundo novo, uma nova Terra, uma gloriosa fase de espiritualização e beleza para os destinos de nosso planeta.”

Foi então que, fazendo as vezes de advogado do diabo, perguntei a ele: Chico, até agora você tem me falado apenas da melhor hipótese, que é esta em que a humanidade terrestre permaneceria em paz até o fim daquele período de 50 anos. Mas, e se acontecer o caso das nações terrestres se lançarem a uma guerra nuclear? “Ah! Geraldinho, caso a humanidade encarnada decida seguir o infeliz caminho da III Guerra mundial, uma guerra nuclear de consequências imprevisíveis e desastrosas, aí então a própria mãe Terra, sob os auspícios da Vida Maior, reagirá com violência imprevista pelos nossos homens de ciência. O homem começaria a III Guerra, mas quem iria terminá-la seriam as forças telúricas da natureza, da própria Terra cansada dos desmandos humanos, e seríamos defrontados então com terremotos gigantescos; maremotos e ondas (tsunamis) consequentes; veríamos a explosão de vulcões há muito extintos; enfrentaríamos degelos arrasadores que avassalariam os polos do globo com trágicos resultados para as zonas costeiras, devido à elevação dos mares; e, neste caso, as cinzas vulcânicas associadas às irradiações nucleares nefastas acabariam por tornar totalmente inabitável todo o Hemisfério Norte de nosso globo terrestre.”

Geraldinho – O que aconteceria especificamente com o Brasil?

No que Chico respondeu: “em todas as duas situações, o Brasil cumprirá o seu papel no grande processo de espiritualização planetária. Na melhor das hipóteses, nossa nação crescerá em importância sociocultural, política e econômica perante a comunidade das nações.

Não só seremos o celeiro alimentício e de matérias-primas para o mundo, como também a grande fonte energética com o descobrimento de enormes reservas petrolíferas que farão da Petrobras uma das maiores empresas do mundo”.

E prosseguiu Chico: “O Brasil crescerá a passos largos e ocupará importante papel no cenário global, isso terá como consequência a elevação da cultura brasileira ao cenário internacional e, a reboque, os livros do Espiritismo Cristão, que aqui tiveram solo fértil no seu desenvolvimento, atingirão o interesse das outras nações também. Agora, caso ocorra a pior hipótese, com o Hemisfério Norte do planeta tornando-se inabitável, grandes fluxos migratórios se formariam então para o Hemisfério Sul, onde se situa o Brasil, que então seria chamado mais diretamente a desempenhar o seu papel de Pátria do Evangelho, exemplificando o amor e a renúncia, o perdão e a compreensão espiritual perante os povos migrantes. A Nova Era da Terra, neste caso, demoraria mais tempo para chegar com todo seu esplendor de conquistas científicas e morais, porque seria necessário mais um longo período de reconstrução de nossas nações e sociedades, forçadas a se reorganizarem em seus fundamentos mais básicos”.

FE – Segundo Chico Xavier, esses fluxos migratórios seriam pacíficos?

Geraldinho Infelizmente não. Segundo Chico me revelou, o que restasse da ONU acabaria por decidir a invasão das nações do Hemisfério Sul, incluindo-se aí obviamente o Brasil e o restante da América do Sul, a Austrália e o sul da África, a fim de que nossas nações fossem ocupadas militarmente e divididas entre os sobreviventes do holocausto no Hemisfério Norte. Aí é que nós, brasileiros, iríamos ser chamados a exemplificar a verdadeira fraternidade cristã, entendendo que nossos irmãos do

Norte, embora invasores a “mano militare”, não deixariam de estar sobrecarregados e aflitos com as consequências nefastas da guerra e das hecatombes telúricas, e, portanto, ainda assim, devendo ser considerados nossos irmãos do caminho, necessitados de apoio e arrimo, compreensão e amor.

Neste ponto da conversa, Chico fez uma pausa na narrativa e completou: “Nosso Brasil como o conhecemos hoje será então desfigurado e dividido em quatro nações distintas. Somente uma quarta parte de nosso território permanecerá conosco e aos brasileiros restarão apenas os Estados do Sudeste somados a Goiás e ao Distrito Federal. Os norte-americanos, canadenses e mexicanos ocuparão os Estados da Região Norte do País, em sintonia com a Colômbia e a Venezuela. Os europeus virão ocupar os Estados da Região Sul do Brasil unindo-os ao Uruguai, à Argentina e ao Chile. Os asiáticos, notadamente chineses, japoneses e coreanos, virão ocupar o nosso Centro-Oeste, em conexão com o Paraguai, a Bolívia e o Peru. E, por fim, os Estados do Nordeste brasileiro serão ocupados pelos russos e povos eslavos. Nós não podemos nos esquecer de que todo esse intrincado processo tem a sua ascendência espiritual e somos forçados a reconhecer que temos muito que aprender com os povos invasores. Vejamos, por exemplo: os norte-americanos podem nos ensinar o respeito às leis, o amor ao direito, à ciência e ao trabalho. Os europeus, de uma forma geral, poderão nos trazer o amor à filosofia, à música erudita, à educação, à história e à cultura. Os asiáticos poderão incorporar à nossa gente suas mais altas noções de respeito ao dever, à disciplina, à honra, aos anciãos e às tradições milenares. E, então, por fim, nós brasileiros, ofertaremos a eles, nossos irmãos na carne, os mais altos valores de espiritualidade que, mercê de Deus, entesouramos no coração fraterno e amigo de nossa gente simples e humilde, essa gente boa

que reencarnou na grande nação brasileira para dar cumprimento aos desígnios de Deus e demonstrar a todos os povos do planeta a fé na Vida Superior, testemunhando a continuidade da vida além-túmulo e o exercício sereno e nobre da mediunidade com Jesus”.

FE – O Brasil, embora sofrendo o impacto moral dessa ocupação estrangeira, estaria imune aos movimentos telúricos da Terra?

Geraldinho – Infelizmente, não. Segundo Chico Xavier, o Brasil não terá privilégios e sofrerá também os efeitos de terremotos e tsunamis, notadamente nas zonas costeiras. Acontece que, de acordo com o médium, o impacto por aqui será bem menor se comparado com o que sobrevirá no Hemisfério Norte do planeta.

FE – Por tudo que se depreende da fala de Chico Xavier, você também crê que a ida do homem à Lua, em julho de 1969, tenha precipitado de certa forma a preocupação com as conquistas científicas dos humanos, que poderiam colocar em risco o equilíbrio do Sistema Solar?

Geraldinho – Sim, creio que a revelação de Chico Xavier a respeito traz, nas entrelinhas, essa preocupação celeste quanto às possíveis interferências dos humanos terráqueos nos destinos do equilíbrio planetário em nosso Sistema Solar. Pelo que Chico Xavier falou, alguns dos seres angélicos de outros orbes planetários não estariam dispostos a nos dar mais este prazo de 50 anos, que vencerá daqui a apenas oito anos, temerosos talvez de nossas nefastas e perniciosas influências. Essa última hora bem que poderia ser por nós considerada como a última bênção misericordiosa de Jesus Cristo em nosso favor, uma vez que, pela explicação de Chico Xavier, foi ele, Nosso Senhor, quem advogou em favor de nossa causa, ainda uma vez mais.

FE – A reunião da comunidade celeste teria decidido algo mais, segundo a exposição de Chico Xavier?

Geraldinho – Sim. Outra decisão dos benfeitores espirituais da Vida Maior foi a que determinou que, após o alvorecer do ano 2000 da Era Cristã, os espíritos empedernidos no mal e na ignorância não mais receberiam a permissão para reencarnar na face da Terra. Reencarnar aqui, a partir dessa data, equivaleria a um valioso prêmio justo, destinado apenas aos espíritos mais fortes e preparados, que souberam amearhar, no transcurso de múltiplas reencarnações, conquistas espirituais relevantes como a mansidão, a brandura, o amor à paz e à concórdia fraternal entre povos e nações. Insere-se dentro dessa programação de ordem superior a própria reencarnação do mentor espiritual de Chico Xavier, o espírito Emmanuel, que, de fato, veio a renascer, segundo Chico informou a variados amigos mais próximos, exatamente no ano 2000. Certamente, Emmanuel, reencarnado aqui no coração do Brasil, haverá de desempenhar significativo papel na evolução espiritual de nosso Orbe.

Todos os demais espíritos, recalcitrantes no mal, seriam então, a partir de 2000, encaminhados forçosamente à reencarnação em mundos mais atrasados, de expiações e de provas aspérrimas, ou mesmo em mundos primitivos, vivenciando ainda o estágio do homem das cavernas, para poderem purgar os seus desmandos e a sua insubmissão aos desígnios superiores. Chico Xavier tinha conhecimento desses mundos para onde os espíritos renitentes estariam sendo degredados. Segundo ele, o maior desses planetas se chamaria Kírom ou Quírom.

FE – Praticamente só nos restam oito anos pela frente. Emmanuel fala na entrevista da década de 1950, já publicada nestas páginas, que é urgente a transformação moral da humanidade. Qual deve ser a nossa conduta frente a revelações tão assustadoras e ao conselho do mentor?

Geraldinho – Então, caríssima Marlene, a última hora está de fato aí demonstrada. Basta termos “olhos de ver e ouvidos de ouvir”, segundo a assertiva de Jesus. É a nossa última chance, é a última hora... Não há mais tempo para o materialismo. Não há mais tempo para ilusões ou enganos imediatistas. Ou seguiremos com a Luz que efetivamente buscamos, ou nos afundaremos nas sombras de nossa própria ignorância. Que será de nós? A resposta está em nosso livre-arbítrio, individual e coletivo. É a nossa escolha de hoje que vai gerar o nosso destino. Poderemos optar pelo melhor caminho, o da fraternidade, da sabedoria e do amor, e a regeneração chegará para nós de forma brilhante a partir de 2019; ou poderemos simplesmente escolher o caminho do sofrimento e da dor e, neste caso infeliz, teremos um longo período de reconstrução que poderá durar mais de mil anos, segundo Chico Xavier. Entretanto, sejamos otimistas. Lembremo-nos que deste período de 50 anos já se passaram 42 anos em que as nações mais desenvolvidas e responsáveis do planeta conseguiram se suportar umas às outras sem se lançarem a uma guerra de extermínio nuclear. Essa era a pré-condição imposta por Jesus. Até aqui seguimos bem, embora entre trancos e barrancos. Faltam-nos hoje apenas o percurso da última milha, os últimos oito anos deste período de exceção e misericórdia do Altíssimo. Oxalá prossigamos na melhor companhia!

Como poderemos facilmente concluir, tudo dependerá, em última análise, de nossas próprias escolhas, enquanto entidades individuais ou coletivas, para nosso progresso e ascensão espiritual. É o “A cada um será dado segundo as suas próprias obras!” que o Cristo nos ensinou.

Não estamos entregues à fatalidade nem predeterminados ao sofrimento. Estamos diante de uma encruzilhada do destino coletivo que nos une à nossa casa planetária, aqui

na Terra. Temos diante de nós dois caminhos a seguir. O caminho do amor e da sabedoria nos levará a mais rápida ascensão espiritual coletiva. O caminho do ódio e da ignorância acarretar-nos-á mais amplo dispêndio de séculos na reconstrução material e espiritual de nossas coletividades. Tudo virá de acordo com nossas escolhas de agora, individuais e coletivas. Oremos muito para que os Benfeitores da Vida Maior continuem a nos ajudar e incentivar a seguir pelo Caminho da Verdade e da Vida. O próprio espírito Emmanuel, através de Chico Xavier, respondendo a uma entrevista já publicada em livro nos diz que as profecias são reveladas aos homens para não serem cumpridas. São na realidade um grande aviso espiritual para que nos melhoremos e afastemos de nós a hipótese do pior caminho.”

Previsões já concretizadas

Algumas das previsões de Chico Xavier já se concretizaram. Depois de 1969, o Brasil começou um grande surto desenvolvimentista, vindo depois a democratizar-se sem traumas sangrentos, fazendo a transição de forma pacífica e ordenada. A Europa, antes dividida em nações antagônicas, passou a considerar a possibilidade de uma união mais ampla, acabando por consolidar a efetiva existência da União Europeia como um mercado comum econômica e politicamente falando, chegando, inclusive, a lançar uma moeda única, em substituição às antigas, que é o Euro de hoje. Depois de 1969, a Guerra Fria arrefeceu-se; caiu a cortina de ferro da Europa Oriental; derrubou-se o Muro de Berlim; ruiu a antiga URSS como resultado da Perestroika para o surgimento de uma nova Rússia mais livre, juntamente a outras novas nações associadas. O grande surto desenvolvimentista da China e dos países chamados tigres asiáticos certamente vem colaborando para a união e maior interação entre povos distantes.

O Brasil abriu-se também para o mundo, estabilizou sua economia, lançou uma moeda forte, o Real, cresceu economicamente e descobriu vastas reservas petrolíferas, tornando-se uma nação mais importante no cenário internacional, assumindo novas responsabilidades no progresso das nações. Hoje o mundo está muito mais consciente das responsabilidades ambientais, e grandes movimentos globais nesse sentido já surgiram como o Protocolo de Kyoto. As ciências avançam a passos largos, e os cientistas decodificaram o DNA humano com inegáveis benefícios para o combate às doenças do corpo físico. As telecomunicações estreitaram os laços entre os seres e as nações, com a telefonia celular ao alcance de toda a gente e a internet de banda larga acelerando o acesso ao conhecimento geral e à liberdade de pensamento. Grandes movimentos coletivos hoje forçam governantes tirânicos a ceder espaço às novas democracias. Tudo isso fora previsto por Chico Xavier, em meados da década de 80, muito antes de efetivamente vir a acontecer.

“Tudo se encaixa como sendo parte de um retrato mais amplo do trabalho dos benfeitores espirituais da Vida Maior em favor da paz e da concórdia, do desenvolvimento e da cultura em escala global. Os emissários do Cristo estão agindo em nosso favor e, por isso mesmo, não podemos perder a fé na continuidade desse auxílio”, afirma Lemos Neto. “Isso tudo sem mencionarmos os grandes avisos que a própria Terra está nos dando. O aquecimento global é um fato. O Jornal Nacional noticiou há poucos meses que a calota polar do Norte estará totalmente degelada em meados de 2012, segundo conclusões de renomados cientistas. Depois do ano 2000 algumas nações têm sofrido tsunamis e terremotos cada vez mais assustadores, dizimando dezenas de milhares de vítimas. A média global anterior

para terremotos acima de 9.0 pontos na escala de Richter era de um por década, e nos últimos dez anos nós já tivemos cinco tremores acima dessa magnitude, sendo dois no espaço de um ano, o do Chile e o do Japão, mais recentemente. Os avisos aí estão: o homem terrestre precisa mudar interiormente, e um grande apelo à sua espiritualização ouve-se por toda parte. Continuemos a confiar em Deus e em Jesus, Nosso Senhor, que não nos desampará!”, finaliza.”

(https://docs.google.com/document/d/17OINTVqZC2ZxgoOLnUPaLkzsCu6tfRzMPYjZo_HieYc/edit?hl=pt_BR&pli=1)